

**SESSÃO 2 - SOCIABILIDADES, CULTURAS
JUVENIS E GRUPOS**

CULTURA COMO PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAS JUVENIS: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

*Alcimar Enéas Rocha Trancoso,
Universidade Federal de Alagoas, osocnart@gmail.com*

*Rosemeire Reis,
Universidade Federal de Alagoas, reisroseufal@gmail.com*

INTRODUÇÃO

As análises sociais tendo a questão cultural como um ponto de partida no esforço compreensivo de si e do outro, desde os escritos de Franz Boas passando por Birmingham (MATTELART & NEVEU, 2006) se fortalecem em várias frentes. Nesta caminhada a cultura aparece tanto como objeto de estudo propriamente dito, um elemento importante de compreensão de fenômenos sociais, e, de forma inovadora a partir do início do século XX, também como chave explicativa para compreensão dos processos psicológicos humanos (VIGOTSKI, 1999; PINO, 2005).

Não obstante, duas perguntas podem ser feitas também na direção desse fortalecimento: é lícito pensar em cultura como um elemento identitário amplo de determinado grupo social? Independentemente desta questão, pode-se pensar também em culturas como partes relativamente autônomas de um todo ou mesmo como fragmentos multifacetados que, como um caleidoscópio, possui partes de diversos universos sociais? Elementos de reflexão a respeito destas questões serão postos, principalmente, a partir dos autores Sahlins (1997), Geertz (2001), Canclini (2003) e Wagner (2012). Outros autores são evocados com o propósito de iluminar a discussão proposta ou turvá-la inserindo possibilidades para outras questões.

O texto está dividido em quatro partes. A primeira procura apresentar a cultura como fundamento do humano. A segunda e a terceira procuram ponderar a respeito das questões propostas a partir dos autores citados. A quarta e última, traz as considerações finais para se pensar as reflexões a respeito de uma cultura em relação aos estudos de juventudes.

CULTURA COMO FUNDAMENTO DO HUMANO

Nas sendas do que propõe e defende Sahlins (1997) apresentando estudos primários realizados em distintos lugares do mundo por pesquisadores com históricos culturais distintos, a cultura definitivamente não é um objeto em extinção. Não o é tanto como objeto mesmo de estudo de distintas ciências, já afirmado anteriormente, nem como aquilo que de forma imaterial e material regula, orienta, diferencia e desafia a vida, o cotidiano das pessoas.

As ciências humanas e sociais nascem sob a influência analítica de uma lógica causal linear. A física social de Comte, como sugere o próprio nome do então novo campo científico, procura transpor para a análise dos fenômenos humanos e sociais não somente a forma e procedimento, mas a própria essência da possibilidade de controle e previsibilidade própria

dos experimentos comuns nas ciências da natureza. Estudar o homem, a sociedade tratar-se-ia, portanto, “de conhecer as leis sociais para poder prever racionalmente os fenômenos e agir com eficácia; explicar e antever, combinando a estabilidade e a atividade, as necessidades simultâneas de ordem e progresso – condições fundamentais da civilização moderna” (QUINTEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003, p.19).

Tomando em conta estas trilhas iniciais das ciências sociais, pode-se compreender que ocorre uma espécie de libertação dos estudos do homem. Libertação ocorrida não como um evento, um grito de independência, mas a partir de investidas teórico-metodológicas ao longo dos anos, provenientes de distintas partes e direções, possibilitando um salto epistemológico qualitativo nas ciências sociais e humanas, e assim a perspectiva de uma objetividade relativa passa a ser vista e se fortalece como uma necessidade epistemológica para este tipo de ambiente científico. Para Wagner (2012, p.28), por exemplo, tratando especificamente do ofício do antropólogo, “a objetividade ‘absoluta’ exigiria que o antropólogo não tivesse nenhum viés e, portanto nenhuma cultura”, asseverando contra a ideia de uma ciência classificada por ele de antisséptica.

A cultura, no contexto do que escreve Vigotski (1999)¹, é uma produção humana de dupla fonte, sendo ao mesmo tempo produto da vida e da atividade social do homem. Este autor coloca o debate sobre estado de natureza e estado de sociedade na perspectiva da passagem do biológico ao cultural, sendo para ele, a constituição propriamente dita do ser humano. Mesmo parte da natureza, supera seu determinismo próprio pelo artifício da cultura que ele mesmo inventa. Ao discutir sobre a possibilidade de um ‘zero cultural’ na criança, Pino (2005) também afirma a cultura como produto da ação humana, a concretização da ideia que dirige a ação, ação esta criadora que confere uma forma simbólica à matéria e uma forma material ao simbólico, posto que as produções que reúnem as características que conferem o sentido humano ao homem são produções culturais, cujos componentes advém da natureza e do homem, um material e outro simbólico, implicando ‘funções psicológicas’ como funções culturais.

Conceituar, compreender determinada situação, objeto, um grupo e seus milhares de elementos comportamentais como expressa Benedict (1983), a partir de uma perspectiva sócio-cultural é considerar que o entendimento a respeito do que está à frente como objeto de estudo deve estar sujeito aos processos criativos próprios de cada ambiente cultural; que o campo científico que servirá como meio para o desenvolvimento desse processo compreensivo não pode estar sujeito a dogmas supraculturais, mas ao que Vigotski (1996) chama de leis e condições gerais do conhecimento científico, ou seja, exigências objetivas colocadas para a ciência pela própria natureza dos fenômenos estudados.

1 Mesmo não tendo Lev S. Vigotski deixado conceito sistematizado de cultura é possível estabelecer uma aproximação relativamente segura do que ele estava entendendo quando falava a esse respeito (PINO, 2005): cultura não pode ser vinculada a uma realidade natural ou espiritual, é fruto do processo histórico e material, da ação humana; vincula-se diretamente aos planos genéticos, significando dizer que não é recebida como um pacote transferido de uma mente a outra; a criança passa pelo processo de interiorização da cultura e a partir do seu nascimento cultural inicia a significação, tarefa que jamais abandonará enquanto existir.

A esse respeito, Alpizar e Bernal (2003), compartilhando dos pressupostos de construção sócio-histórica do conhecimento científico, observam, porém, a possibilidade de o seu desenvolvimento estar sujeito ao que chamam de ideias fossilizadas, apoiadas, dentre outros, em um equívoco ainda comum: o da naturalização das coisas. Esta perspectiva atribui aos conceitos uma existência natural, como uma reafirmação dos fundamentos primordiais e originários da epistemologia moderna: existe uma verdade a respeito das coisas e ela pode ser acessada através da correta dissecação do objeto estudado, de sua atomização. Ou seja, por esta via, os conceitos estão presentes nas coisas a serem conceituadas, quase como uma entidade, independente da lente de quem as enxerga e da própria pessoa ou uso dos objetos enxergados. Ao contrário, tudo é produzido e acontece em um ambiente cultural, e a cultura ou a dinâmica cultural² não pode ser reificada, transformada em uma coisa (DURHAM, 1980) sob a pena de ser colonizada, perdendo a capacidade de dar vida aos conceitos, assumindo um papel secundário nos processos de subjetivação.

Mais que um objeto, uma preocupação fundamental nos estudos das ciências sociais e humanas, e que ao longo da trajetória acadêmica passa por altos e baixos quanto ao seu lugar de destaque nos fundamentos e procedimentos destas ciências, a cultura não pode ser relegada ao esquecimento posto que “nomeia e distingue a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos” (SAHLINS, 1997, p.41) em relação aos outros elementos da natureza, especialmente os animais biologicamente parecidos com o homem, e em relação aos grupos humanos entre si.

POR UM SENTIDO DE CULTURA

A ideia de relativismo cultural foi/tem sido muito importante para a antropologia, na medida em que, no mínimo, perturba a paz intelectual no árduo empreendimento de compreensão dos grupos sociais. Junto com seu antípoda, o relativismo vem oferecendo aos antropólogos e demais cientistas sociais, opções de preocupação, por um lado, contra “o perigo de que nossa percepção seja embotada, nosso intelecto seja encolhido e nossas simpatias sejam restringidas pelas escolhas excessivamente internalizadas e valorizadas de nossa própria sociedade”, e por outro, “com um tipo de antropia espiritual, uma espécie de morte mental por excesso de energia, no qual tudo é tão importante e, portanto, tão insignificante quanto todo o resto: vale tudo, a cada um o que é seu” (GEERTZ, 2001, p.50)

Em meio à confusão que se instala a respeito do relativismo ou não relativismo, confusão essa que mitologicamente, na visão de Geertz (2001), coloca Franz Boas e Ruth Benedict de um lado como pró-relativistas e Lévi-Strauss de outro como anti-relativista, pode-se afirmar, com base neste autor, que a inclinação relativista é quase uma condição à qual se é induzido pela antropologia: somente desaparecerá quando – e se – a antropologia for extinta como ciência e postura frente ao outro.

² “processo permanente de reorganização das representações na prática social (...) através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana” (DURHAM, 1980, p. 13).

As práticas, os hábitos de povos distintos e seus grupos específicos, quando comparados uns com os outros, afirma a fé no relativismo, na medida em que não se assuma como verdade que são bárbaras toda e qualquer prática que não seja a própria. O choque pelo qual passa não só o antropólogo, mas todo aquele que ‘ousa’ estabelecer relação de convivência – ou conhecimento, considerando ser possível conhecer o que os outros fazem, tornam-se, etc. sem necessariamente morar com eles – com pessoas de outras culturas (WAGNER, 2012), pode ser considerado a porta de entrada para esta crença no relativismo, não como doutrina a ser defendida apologeticamente, mas como condição da própria existência humana. Como um elemento intrínseco, que passa pelo reconhecimento básico da base existencial comum dos seres humanos: seres culturais que se humanizam na medida em que avançam no processo de aculturação. É preciso compreender como viver, como afirma Geertz (2001), com essa implicação existencial e antropológica.

Talvez a esperança de se ter a cultura, ou uma determinada cultura, como o ponto de chegada, esteja em parte estabelecida nas premissas da natureza humana e da mente humana (GEERTZ, 2001). A questão não é tão somente concluir a respeito da existência ou não dessas duas entidades, mas, aceitando-as assim, se pareceria com o quê? Quais traços, características materiais e imateriais as conformam? E desde muito tempo, pelo menos desde a expansão marítima europeia no século XVI, não é muito difícil entender para onde pende o norte dessa bússola cultural: o europeu conquistador, que na modernidade, ou no processo de ocidentalização do mundo, se converte no conceito de ocidente que, triunfante, arrebatou a todos e se coloca como um espaço e um destino em um processo quase irreversível de uniformização planetária (LATOUCHE, 1996). Não haveria como definir o que melhor expressa a natureza humana (ELIAS, 1993).

Nesse contexto, são importantes as considerações de Canclini (2003) quando escreve sobre o tema das culturas híbridas. Como claramente afirma, o objeto da sua discussão não é a hibrididade, mas o processo de hibridação. Esse alerta, ou advertência como prefere, é importante para que se evite cair na armadilha de estagnar na descrição das misturas interculturais, ou mesmo de reificar o resultado, a hibrididade, como síntese, um ponto de chegada. Seu interesse é em dar o que chama de poder explicativo, “capacidade hermenêutica: torná-lo útil para interpretar as relações de sentido que se reconstróem nas misturas” (CANCLINI, 2003, p.XXIV). A imprevisibilidade, mais como possibilidade do que como realidade concreta, deve ser o ponto em comum quando o assunto é dinâmica cultural.

Canclini (2003) ainda alerta para a tendência de ‘desistoricizar’ práticas de identificação e a compreensão que se origina a partir da ideia de intercâmbio torna-se um caminho para idealizar um modelo identitário volátil, ou mesmo dissolver a pessoa de tal forma que não mais se referencie.

Souza Santos (1997) quando discute o conceito de identificações em curso, desenvolve a metáfora da viagem, propondo uma discussão sobre o processo identitário. Na viagem há uma parte que não viaja, o *oikos*, a casa, o lugar de onde se parte e para onde se torna. Mesmo que o endereço mude em espaços de tempo indeterminados, haverá um lugar. Esta tendência à estabilidade, ainda que efêmera dependendo da noção de tempo que se adote, pode ser pen-

sada como uma característica da homeostase própria dos sistemas abertos e complexos como são os seres humanos. Há uma extrema estabilidade, e a organização interna, em termos de estrutura e funcionamento, é em função do equilíbrio. Contudo, os resultados das mudanças qualitativas são imprevisíveis.

Ao compreender a dita ‘pós-modernidade’ não como uma fase, um estágio, ou mesmo um estado, mas sim como um arcabouço epistemológico importante para a crítica à modernidade, Canclini (2003) parece evitar cair nesta armadilha das identidades fluidas às últimas consequências, sem considerar a experiência histórica, e nessa experiência, as permanências, não como herança genética, mas como relações culturais, em movimento, dialéticas.

Tomando em conta estas reflexões anteriores, a expressão ‘cultura’ como identificadora final de determinado grupo deve sempre ser considerada como portadora de uma realidade inscrita no movimento *mutatis mutandi*. Como bem nos faz lembrar Benedict (1983) não é possível observar um padrão equilibrado e rítmico na definição e estabelecimento daquilo que é observável e estabelecido como a cultura de determinado povo, pois, se em dados momentos as pessoas dão a entender que se orientam “para certos fins, noutras tomam bruscamente uma direcção tangencial aparentemente inconsistente com tudo o que as precedeu, que não deixa prever o que se seguirá” (BENEDICT, 1983, p. 248).

POR UMA CULTURA JUVENIL

Considerando o discutido até então – cultura como produto e produtora do humano que se dá a partir do material e do simbólico, como marco identitário – não há como diferenciar e hierarquizar as manifestações culturais, esta ou aquela forma de estar no mundo. As relações, as formas de vivenciar a individualidade, os recursos e os significados atribuídos a esse conjunto de coisas em si mesmas e às relações estabelecidas com e entre elas e por elas proporcionadas, são o que são não por maior ou menor criatividade dos grupos sociais e dos atores no exercício destas relações, mas de estilos de criatividade, manifestações possíveis da relação dialética entre a invenção e a convenção (WAGNER, 2012).

Nesse movimento dialético de invenção da cultura Wagner (2012) aborda as relações que se tornam dependentes como a invenção e a interpretação do inventado. Parece o que se denomina de cultura interpretativa se encaixa neste conceito: variantes diversas de um processo de interpretação, reinterpretação, imitação do que classifica como cultura ortodoxa “subsumindo as formas desta como sua ‘linguagem’ e passando assim a depender da autoridade dela para causar impacto” (p. 107). Para este autor está nesse meio, dentre outras tantas, o que se chama ‘cultura jovem’. Também podemos colocar a ‘cultura escolar’ ou mesmo a ‘cultura das juventudes nas escolas’ tanto como subproduto de uma cultura ortodoxa, dependente e reprodutora dela apesar da atualização simbólica, como seu contraponto, mas que de qualquer forma, dependente dela.

Benedict (1983) busca fornecer elementos para uma reflexão sobre o problema de

integração dentro de uma determinada cultura. Os elementos heterogêneos no seu interior poderiam se revelar mais homogêneos do que parecem se fosse possível estender a análise para o passado mais remoto possível de dito povo. Mas são somente conjecturas. Os fatos de que dispunha esta pesquisadora apontavam para uma segregação cultural fruto de conflitos de velhas e novas estruturas conviventes numa mesma cultura, o que, em determinados casos, não impedia a aceitação e a convivência produtiva com o padrão estranho.

Apesar de curto, a autora faz um diagnóstico significativo a respeito da integração cultural na civilização ocidental. Aponta para equívocos da fácil conclusão por uma extrema desintegração. O equívoco é metodológico, para ela. Ao comparar sociedades cuja integração cultural se manifestava também geograficamente, a complexa estratificação das culturas ocidentais, analisada par e passo, turva a percepção e falseia a conclusão. A questão não é estabelecer se a integração é ou não uma característica do que a autora chama de civilização ocidental, mas preannunciar que as conexões podem ultrapassar barreiras físicas, principalmente nos tempos de avanços tecnológicos no campo da comunicação como os de hoje.

Pensar em culturas juvenis como parte da complexa sociedade contemporânea que se estrutura cada vez mais nas grandes cidades em todo o planeta, não seria de maneira nenhuma romantismo pelo apego dogmático ou ‘de momento’ com o tema das juventudes que se fortalece no interior das produções acadêmicas nas distintas ciências (TRANCOSO, 2012). Configura-se em uma forma importante de analisar a sociedade contemporânea, posto que pode funcionar como uma espécie de lente de aumento e síntese da sociedade, seu retrovisor e periscópio (SEIBERT, 2011).

A própria grafia plural – culturas juvenis – denota que o diagnóstico de Benedict (1983) também pode ser aplicado no caso específico das juventudes. Não se pode concluir pela existência de uma cultura juvenil ou pela total desintegração social a ponto de impossibilitá-la, mas é plausível e verificável de acordo distintos autores como aponta, por exemplo, Pais (2003) e Trancoso (2012), a efusão de modos de vivenciar a situação de juventude, como uma condição heterogênea.

Adorno e Horkheimer (2002) realizam uma crítica da indústria cultural ou da sociedade enquanto produtora e produto dessa mesma indústria. Nos trilhos do que analisam como valor capitalista da mercadoria e do lucro, a indústria cultural devolve a esta sociedade a realização dos seus desejos ditos espontâneos, mas que camuflam a cooptação efetuada pela própria indústria cultural. Nesse exercício, confundem ‘os clientes’ com um mar de perguntas retóricas que camuflam a missão encarnada de desacostumar as pessoas da subjetividade, afirmam os autores, ou seja, esse “paradoxo da rotina travestida de natureza pode ser notado em todas as manifestações da indústria cultural, e em muitas ele é tangível” (p. 60). A análise segue afirmando que os diversos mecanismos de controle social – igrejas, clubes, associações profissionais e outros relacionamentos – reproduzem os valores também produzidos e reproduzidos pela indústria cultural, num fino exercício de controle, de produção de subjetividades. A cultura dá lugar à publicidade, ao processo de fabricação de idiotas – como escrevem os autores –, que triunfa no momento em que o consumidor se identifica à mercadoria.

As juventudes e suas culturas configuram-se alvo dessa investida paradoxal: a padronização de gostos é concomitantemente trabalhada na busca por convencer as pessoas de que é a sua individualidade que trará a exclusividade em possuir, ou consumir algo, que outras tantas milhões de pessoas também o fazem. Uma das características da contemporaneidade é o múltiplo atravessamento vivenciado pelas pessoas. Ainda que haja algo semelhante a uma conspiração articulada universalmente, ou numa perspectiva mais plausível, ainda que as forças originariamente semelhantes se aliem circunstancial, porém, constantemente em favor da manutenção do *status quo*, não se consegue manter todas as pessoas e grupos sob a mesma influência, ou ainda, tomar os princípios e valores repassados pela fonte influenciadora da mesma forma, por estar sob a mesma influência. Há pontos de desconexão e são nesses pontos que, por exemplo, as culturas juvenis se estabelecem menos como reprodutoras e mais como processadoras daquilo que advém da cultura ortodoxa (WAGNER, 2012).

O estudo das culturas juvenis como *locus* de pesquisa se converte em um potente espaço para a medição de indicadores de desenvolvimento social e da dinâmica cultural. Pais (2003) conclui a respeito da alternativa epistemológica e metodológica para os estudos de juventude apontando para a necessidade de se considerar as culturas juvenis, não como processos de socialização direta por uma cultura dominante, mas como performances quotidianas, ou seja, a produção de cultura no dia a dia, como indivíduo e como grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as questões iniciais, é lícito pensar em cultura como um elemento identitário amplo na medida em que se tomem em consideração os processos dinâmicos de integração e desintegração recorrentes e nem sempre de fácil percepção e análise. Uma das chaves metodológicas de análise desses processos é o tempo. No quão mais distante se pode ir na genealogia do fenômeno cultural podem estar as pistas explicativas para melhor compreensão da realidade.

Os esforços para tornar o mundo mais simples e mais facilmente manejável do ponto de vista político e social veem de uma espécie de comando central capitaneado pelas organizações políticas globais (LATOUCHE, 1996). Featherstone (1997) alertou para os movimentos de homogeneização cultural, vinculados ao que chamou de americanização, os quais sugerem “um processo de conquista e unificação do espaço global” onde “o mundo transforma-se num espaço singular, domesticado, um lugar onde todos se tornam assimilados a uma cultura comum” (p. 21). A favor disso, segundo esse autor, concorrem as investidas do enorme avanço tecnológico e da economia. Ambas as esferas – ou panoramas, na visão de Appadurai (1998) – são desenvolvidas a partir do paradigma da “commoditização”, da fabricação de um mercado consumidor amplo e o mais homogêneo possível, a fim de serem satisfatórios e lucrativos. Assim, buscam a padronização da cultura.

No entanto, a tentativa de uniformidade global forja, no próprio processo de homogeneizar, centros e periferias, sendo os fluxos migratórios um dos aspectos que contribuem para desestabilizar tanto o Estado-Nação, tomado em sua concepção clássica, quanto a ho-

mogeneização cultural pelo fato de representarem permanências identitárias e culturais. Podemos destacar como exemplos para as duas questões tanto a população legal latina nos Estados Unidos que possui força eleitoral e permanece vinculada ao que poderia ser chamado de cultura original, como a crise no mundo do trabalho e das relações na Europa, especialmente a partir dos anos 90, devido à migração intensa dos europeus do leste, africanos do norte e meso-orientais em busca de emprego e que se constituíram em uma espécie de comunidades locais expatriadas (SAHLINS, 1997; CANCLINI, 2003).

Os processos globalizantes, ainda que caracterizados pela tendência homogeneizante, considerando que o mercado, na sociedade capitalista, é um agente que se sobrepõe aos demais, como a cultura e a economia, por exemplo (APPADURAI, 1998), deparam-se com o local, ainda que recolocado em outro lugar pelos processos migratórios, como forma de resistência, como que reafirmando a condição histórica, material e dialética dos processos psicossociais. A cultura, local e global, pode ser entendida como algo essencialmente relacional devido à capacidade das pessoas de resignificarem os símbolos, sejam quais forem suas origens (CANCLINI, 2003; SAHLINS, 1997; WAGNER, 2012).

É nesse ambiente de pluralidade cultural que crianças e jovens nascem, vivem, convivem e concretizam as possibilidades da potencia humana que trazem. São atravessados pelas tentativas de homogeneização a partir da concepção das pessoas como sendo mais consumidoras do que produtoras de cultura, produzem tácita ou conscientemente uma resistência fortalecida pelas múltiplas conexões possibilitadas pelos movimentos migratórios, pela ampliação da rede local e não local de relações, e protagonizam o fortalecimento cada vez maior do virtual como espaço do real. Em comunidades pequenas, em grandes cidades, convivem populações fixas, fluxos migratórios turísticos, intermitentes, que impactam o ambiente ou partes dele, e o seu *modus vivendi*.

Por conseguinte, pode-se pensar também em culturas como partes relativamente autônomas de um todo ou mesmo como fragmentos multifacetados que, como um caleidoscópio, possui partes dos diversos universos culturais que convivem ou subsistem sem nunca terem convivido ou saberem um da existência do outro. Como já dito anteriormente, a contemporaneidade se caracteriza pelo múltiplo atravessamento vivenciado pelas pessoas potencializado pelos processos de mobilidade e ampliação das possibilidades virtuais. Nascer, conhecer, aculturar-se e desenvolver-se nesse ambiente ‘pronto’ é algo que ainda precisamos, como pesquisadores, aprofundar.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HOKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. A dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002. p. 57-79.
- ALPIZAR, L.; BERNAL, M. La construcción social de las juventudes. **Última Década**, Viña del Mar, n. 19, p. 105-123, nov. 2003.

- APPADURAI, A. Disjunção e diferença na economia cultural global. In FEATHERSTONE, M. (Org.). **Cultura Global: Nacionalismo, Globalização e Modernidade**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 311-327.
- BENEDICT, R. A natureza da sociedade. In: _____. **Padrões de Cultura**. Livros do Brasil: Lisboa, 1983. p. 247-306.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- DURHAM, E. R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. **Arte em Revista**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 13-14, mar. 1980.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FEATHERSTONE, M. **O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-Modernismo e identidade**. Tradução C. E. M. de Moura. São Paulo: Studios Nobel, SESC, 1997. (Coleção Megalópolis).
- GEERTZ, C. O anti-anti relativismo. In: **Nova Luz sob a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 45-67.
- LATOUCHE, S. **A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária**. 2ª ed. Tradução de C. M. Paciornik. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MATTELART, A.; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução M. Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- PINO, A. **As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.
- QUINTEIRO, T.; BARBOSA, M. L.; OLIVEIRA, B. M. G. M. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte 1). **Mana**, v. 3, n. 2, p. 41-73. 1997.
- SEIBERT, L. **Juventude e cinema: as práticas de si na transformação do sujeito ético**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS, 2011.
- SOUZA SANTOS, B. A queda do *Angelus Novus*: para além da equação moderna entre raízes e opções. **Novos estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 47, p. 103-124, mar. 1997.
- TRANCOSO, A. E. R. T. **Juventudes: o conceito na produção acadêmica brasileira**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Alagoas, Maceió/AL, 2012.
- VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da psicologia. In: **Teoria e método**

em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 201-417.

_____. **Pensamento e Linguagem.** (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WAGNER, R. **A Invenção da Cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

JUVENTUDES E IDENTIDADE RELIGIOSA: DESAFIOS PEDAGÓGICO-PASTORAIS

Cleber de Oliveira Rodrigues

Grupo Marista / cleberdeoliveirarodrigues@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados parciais de uma investigação sobre o perfil religioso de adolescentes e jovens de uma Unidade Social Marista, em vista do desenvolvimento de uma ação pastoral mais efetiva. Com base numa pesquisa qualitativa realizada *in loco*, foi possível esboçar o perfil religioso dos adolescentes e jovens bem como sua compreensão e vivência da religião em âmbito familiar e comunitário. A análise de dados e a sistematização das informações são abordadas a partir de considerações sobre juventude, identidade e religião tendo como apoio a proposta explícita na Missão Educativa Marista. Estes conceitos complexos expressos na relação cotidiana da unidade educativa necessitam ser aprofundados e postos em prática de maneira sistemática, para que haja uma sinergia nas ações, o que possibilita avanço e efetividade na metodologia de aproximação e na linguagem, pontos chave no diálogo pastoral com adolescentes e jovens. A partir de informações dadas pelos estudantes, foi possível compreender os reais desafios pedagógico-pastorais no sentido de colocar em prática as prerrogativas da missão institucional. Como ação educativa dentro de um processo de formação integral, essa investigação se propõe a abrir uma discussão na perspectiva do diálogo ecumênico e inter-religioso, sobre a identidade religiosa juvenil e seus desafios pedagógico-pastorais. No que se refere à adolescência e juventude, buscamos apoio teórico em Freitas (2005) e Castro e Abramovay (2005); na abordagem de religião, diálogo inter-religioso e ecumenismo nos embasamos em Küng (1986, 1999 e 2004); por fim, tomamos a Missão Educativa Marista como referência institucional.

Palavras-chave: Adolescência. Juventude. Educação. Religião. Diálogo Inter-religioso. Ecumenismo. Marista.

APRESENTAÇÃO

A necessidade dos adolescentes e jovens experimentarem as diferentes religiões para aderir ou negá-las, a descrença e o relativismo, além da diversidade religiosa, têm sido expressa por muitos estudiosos. Para a realização de uma prática pastoral significativa essas características devem ser consideradas nas ações como forma de entender como contribui e influencia no desenvolvimento da diversidade religiosa juvenil. No entanto, deve se destacar que, embora a premissa apontada na literatura corrente seja a de se deparar com um cenário multirreligioso no âmbito das adolescências e juventudes, partimos do pressuposto de que a realidade levantada *in loco* pode nos apresentar outros cenários.

O Centro Educacional Marista São José (CEM-SJ), localizado no Jardim Zanellato, Bairro de Serraria, município de São José/SC, se constitui como um elo com as famílias que passam a ter mais dignidade na busca de cidadania e, durante seus dezenove anos de atuação,

vem acompanhando as mudanças e o crescimento da comunidade, que atualmente conta com recursos locais como: transporte coletivo, conselho comunitário, igrejas, posto de saúde e centro de educação infantil.

A Unidade atende a cerca de 1200 educandos, em sua maioria, moradores do entorno da unidade, distribuídos no Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, além do Serviço de Orientação Sociofamiliar e Socioeconomia Solidária. No ano de 2013, em levantamento no território foram identificadas 32 Igrejas de diversas denominações religiosas.

Diante do contexto no qual está inserido o Centro Educacional Marista São José, em vista da ação pastoral mais efetiva, faz-se necessário conhecer o perfil religioso dos adolescentes e jovens atendidos. Para tanto, vimos a importância de obter informações oferecidas pelos adolescentes e jovens da unidade educativa, por meio de um instrumental próprio, para melhor compreender os reais desafios pedagógico-pastorais no sentido de desenvolver as prerrogativas da Missão Educativa Marista.

O instrumental baseou-se em um questionário composto de dezessete questões abertas e fechadas, aplicado em 4 turmas, sendo uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental e 3 turmas do Ensino Médio, totalizando 104 respondentes, de um total de 702 educandos, abrangendo assim 14,8 % do universo pesquisado. A aplicação foi realizada em sala de aula, após exposição do motivo da pesquisa e breve orientação de que a participação seria espontânea e a anônima. Os respondentes que participaram têm idade entre 13 e 21 anos, com média de idade de 15,7 anos, sendo 50 do sexo masculino e 54 do sexo feminino.

Na prática pastoral, seja nos grupos da Pastoral Juvenil Marista ou nas ações e intervenções pastorais realizadas com os educandos dos três segmentos (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio) é possível perceber um perfil religioso que, embora basicamente cristão, é bastante heterogêneo. Essa percepção nos desafiou a melhor conhecer essa realidade e, levando em conta os valores e missão institucional, nos questionar “qual o perfil religioso dos adolescentes e jovens atendidos no Centro Social Marista São José?”. As respostas a essa questão auxiliarão na ampliação das ações pastorais e maior eficácia dos projetos desenvolvidos.

Para refletir os objetivos propostos nessa investigação, é necessária a compreensão de adolescência e juventude, bem como apropriar-se dos conceitos de religião, ecumenismo e diálogo inter-religiosos. Assim, os conceitos apresentados têm com referencial teórico, compreensões que mais se aproximaram de nosso entendimento.

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Atualmente, grande parte da população brasileira é formada por pessoas com idade entre 14 e 29¹ anos, o que desperta interesse nas diversas áreas do conhecimento sobre a

1 O Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990 considera adolescente as pessoas com idade entre 12 e 18 anos. O Estatuto da Juventude - Lei Nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013 assim considerada as pessoas entre 15 e 29 anos: “jovens-adolescentes” (15 a 18 anos), “jovens-jovens” (19 a 24 anos) e “jovens-adultos” (25 a 29 anos).

adolescência e a juventude. Nas diversas perspectivas e contextos pergunta-se: “quem são esses jovens de hoje?”, “o que eles esperam da vida?”, “qual o futuro que planejam para si?”, essas e outras questões vêm sendo amplamente discutidas nas diversas áreas conhecimento. Portanto, é necessário considerar mais que atributos físicos e/ou biológicos, os aspectos socioeconômicos e culturais que circunscrevem o que é adolescência e juventude, ou seja, o que é ser adolescente e jovem. É preciso que se reconheça a existência da juventude na realidade cotidiana, e não é possível falarmos de uma única adolescência/juventude, como vemos a seguir.

Ao buscarem construir um conceito sobre o que seja a adolescência e a juventude e, mais que isso, o que delinea quem são os adolescentes e jovens, Castro e Abramovay (2005, p. 58) salientam que tais conceitos são, em princípio, provisórios. Geralmente a adolescência e juventude se refere ao corte etário cujo conceito demográfico recebe aportes da psicologia, da antropologia e da sociologia. Soma-se a essa definição os estudos de Freitas (2005, p. 12) que conceitua adolescência como uma construção social que apesar da intensidade das transformações biológicas, universais, características dessa fase da vida, ainda contribuem elementos temporais, sociais, culturais, variáveis num mesmo grupo ou sociedade. É fundamental reconhecer os jovens em sua constituição, sujeitos sociais, dotados de comportamentos e atividades culturais próprios.

A esse enunciado, além das concepções de adolescência e juventude, como uma construção social, histórica e cultural, destacamos que a realidade da adolescência e da juventude necessita ser vista de diferentes perspectivas. E que, embora possam se inscrever num mesmo espaço vital muito próximo, não são as mesmas e necessitam ser consideradas em suas especificidades físicas, afetivas, morais, intelectuais e religiosas.

No contexto contemporâneo, instituições socialmente consolidadas, tais como família, escola e religião, entendidas como referências de identificação no desenvolvimento humano, especialmente entre a infância e a juventude, passam a sofrer influências da conjuntura pós-moderna com reflexões importantes em seus tradicionais arranjos. Assim como os discursos sobre adolescência e juventude, o cenário da religião nos últimos séculos também tem passado por transformações importantes, os quais deixam de serem reprodutores das tradições religiosas, em geral, transferidas em linguagem estranha aos seus anseios e expectativas, para viver suas próprias experiências espirituais.

RELIGIÃO, ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Num mundo cada vez mais multicultural, o conhecimento e respeito religioso são palavras-chave. A sociedade atual, no aspecto religioso, deve ser vista a partir de uma ótica multifacetada. A busca pela experiência religiosa é complexa, ou seja, transcende a concepção de sagrado e profano. Se, por um lado, fala-se da crise religiosa, do desencanto do mundo, sem referência a Deus ou religião, por outro, há uma sociedade repleta de manifestações religiosas, indicando o reencantamento, com religiosidade intensa e novas expressões do sagrado.

Ao fazer referência ao termo religião, poderíamos nos limitar ao nos valer de sua origem latina *religio*, que é controversa. Havendo ao menos três alternativas na língua latina: *religare*, *relegere* e *rem ligare*, sendo cada uma delas um conceito de religião. Além disso, no campo da ciência é objeto de estudo da filosofia, sociologia, história, teologia, antropologia entre outras. Com a intenção de apresentar elementos que, sem limitar, possam oferecer conceitos além dos expressos em glossários, bibliografias e/ou estudos, por entendermos que ao tentar definir, podemos limitar o sentido de um termo de amplo entendimento, procuramos uma perspectiva que contemple nossas reflexões e ações. John Hick ressalta que: “Religião é uma coisa para o antropólogo, outra para o sociólogo, outra para o psicólogo (e outra ainda para outro psicólogo!), outra para o marxista, outra para o místico, outra para o zen-budista e outra ainda para o judeu ou o cristão.” (CRAWFORD, *apud* HICK, 2005, p. 14).

Diante do exposto, tomamos a compreensão do teólogo Hans Küng:

Religião é a realização socioindividual (em doutrina, costume, frequentemente ritos) de uma relação do homem com algo que o transcende e a seu mundo, ou que abrange todo o mundo, que se desdobra dentro de uma tradição e de uma comunidade. É a realização de uma relação do homem com uma realidade verdadeira e suprema, seja ela compreendida da maneira que for (Deus, o Absoluto, Nirvana, Shûnyatâ, Tao). Tradição e comunidade são dimensões básicas para todas as grandes religiões: doutrina, costumes e ritos são suas funções básicas; transcendência (para cima ou para dentro, no espaço e/ou no tempo, como salvação, iluminação ou libertação) é sua preocupação básica (KÜNG, 1986, p. 8).

Trata-se de uma concepção onde tradição e comunidade, elementos essenciais da religião, perpassam a relação humanidade, transcendente, mistério e sagrado. A religião deve cumprir um compromisso coletivo e social, ou seja, é comum a toda uma sociedade ou grupo que adere e desenvolve todas as práticas e ritos ligados a ela. São coisas de grupo e constitui sua unidade. Está diretamente ligada à noção de comunidade em torno de uma instituição formando-se, assim, uma comunidade moral constituída pela mesma crença, mesma fé, com fiéis e sacerdotes. (KÜNG, 1999, p. 290) relembra que “nenhuma religião possui toda a verdade. Apenas Deus possui a verdade plena... Só o próprio Deus – qualquer que seja o seu nome – é a verdade”.

Ele também afirma que

[...] todas as religiões devem ser mais sensíveis às exigências do humano. Este patrimônio humano de todos os homens é um critério ético geral, válido para todas elas em seu conjunto. Mas as religiões também devem lembrar-se continuamente [...] de sua essência primitiva, que resplandece em suas origens, em seus escritos canônicos e em suas instituições básicas. Ao mesmo tempo, deverão

estar muito atentas a seus críticos e reformadores, profetas e sábios, que lhes lembram constantemente as infidelidades à sua verdadeira essência ou a sua traição (KÜNG, 1999, p. 280).

Para Küng, a verdadeira humanidade e a verdadeira religião se encontram em uma relação dialética: “A verdadeira humanidade é pressuposto para a verdadeira religião (...). A verdadeira religião é a realização da verdadeira humanidade” (KÜNG, 2004, p. 148). Compreende-se a relevância dos axiomas da humanidade, distintos aos aceitos pelos filósofos, juristas e políticos (KÜNG, 2004, p. 102).

Nessa compreensão, mesmo que separadas, considerar a igualdade na profissão de determinada religião, requerer autocompreensão para conceber relação com as demais. Por essa perspectiva as igrejas cristãs devem dialogar, buscando o ecumenismo em seu sentido original.

Além do limite etimológico da palavra, em sua origem grega, surge de *oikoumene*, que significava “mundo habitado em que coexistem diferentes povos, com diversidade de línguas e costumes” (NAVARRO, 1995, p. 10). Neste sentido, ecumenismo tem a ver com dimensões importantes para existência humana: o espaço onde se vive, onde se dá a relação da pessoa com a natureza, onde se tem consciência do mundo que existe como circunstância da vida humana. Na perspectiva religiosa, representa o diálogo entre as diferentes confissões cristãs, chamadas a dar “testemunho da vida e de fé, criando verdadeiras *koinonias*² no interior do tecido social” (WOLFF, 2002, p. 346).

No movimento ecumênico, busca-se a unidade do cristianismo, com base numa nova organização do catolicismo e sua relação com os irmãos separados, manifesto essencialmente nas virtudes, fé e caridade, condição indispensável ao reconhecimento das semelhanças que unem, sem deixar de considerar na tradição protestante as diferenças sociológicas, psicológicas, culturais e a hermenêutica bíblica.

Na obra *Teologia a caminho*, Küng (1999a) parte do conceito de paradigma entendido como modelo interpretativo ou modelo de compreensão para fazer uma nova leitura da história da teologia cristã e propor uma mudança de paradigma na sua “Teologia Ecumênica Crítica”: uma teologia que tem o presente mundo da experiência como horizonte e o evangelho como norma crítica. É uma teologia que tenta ser ao mesmo tempo católica (universal, e evangélica, e referenciada nas Escrituras), tradicional (com responsabilidade histórica), cristocêntrica, ecumênica e pastoral (preocupada com a vida). A ideia é ampliada mais adiante em sua obra Projeto para um *ethos* mundial, ao falar de uma “Teologia Ecumênica para a Paz”, uma teologia concreta e criativa ao serviço do entendimento entre as religiões e da paz entre os povos. (MUNÓZ, 2014)

Enquanto o ecumenismo anseia pelo diálogo com diversidade da própria religião e suas diferentes manifestações, “O diálogo inter-religioso instaura a comunicação e o

² Palavra grega que significa comunhão.

relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento.” (TEIXEIRA, 2007) Na revisão anterior, você havia sugerido inserir um parágrafo ou frase que indicasse a transição de um termo para outro.

Hans Küng faz pontual reflexão sobre a importância do diálogo inter-religioso como meio de estabelecer um contexto de paz por meio de uma atitude austera. Para ele há um caminho a ser trilhado para a sobrevivência global.

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não haverá de sobreviver, se não houver um ethos global, uma ética para o mundo inteiro. (2004, p. 280)

A convicção de Hans Küng de que não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre elas, é consonante entre teólogos de diversas linhas, o que requer equilibrar suas reais possibilidades de efetivação. Assim, é possível afirmar que a única alternativa entre as religiões é o necessário diálogo.

Há um ideal motivador do diálogo, a defesa da dignidade humana e a preservação da “casa comum”, o planeta, e presente nos valores de todas as tradições religiosas (abraâmicas, asiáticas ou indígenas), o equilíbrio entre o interesse por si mesmo e pelo outro (MUÑOZ 2014, *apud* GUIMARÃES, 2005, p. 17). O diálogo passa a ser um conceito central na reflexão teológica contemporânea. (Idem, p. 91)

PERFIL RELIGIOSO DOS ADOLESCENTES E JOVENS DO CENTRO EDUCACIONAL MARISTA SÃO JOSÉ E OS DESAFIOS PEDAGÓGICO-PASTORAIS.

Em 2005³, quando foram apresentados os primeiros resultados da pesquisa *Perfil da juventude brasileira* da Fundação Perseu Abramo, que considerou diversidades geográficas e sociais, dentre tantos elementos divulgados, os dados sobre religião saltaram como um indicador importante e que merecia uma atenção especial, pois mostravam o interesse da juventude em discutir religião, para além da família e amigos, com a sociedade. Apontavam, ainda, a inserção da juventude nos grupos, em especial “os grupos da Igreja”, com participação nas celebrações (Missa ou Culto), nos quais os jovens revelam que veem o “temor de Deus”, como um dos mais importantes valores.

3 A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, estudo quantitativo, realizado em áreas urbanas e rurais de todo Brasil, foi uma iniciativa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania, retomou e ampliou temas e questões investigados pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo, relacionando aspectos diferentes da realidade dos jovens como suas práticas, valores e opiniões. “**Universo:** População de 15 a 24 anos, ambos os sexos e de todos os segmentos sociais, residente no território brasileiro – 34,1 milhões de jovens, ou 20,1% do total da população (Censo 2000 – IBGE). **Amostra:** Total de 3.501 entrevistas, distribuídas em 198 municípios.

A pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira (2005)* ressalta que a população juvenil é composta de maioria de católicos somando 65% dos entrevistados, seguidos por 20% de jovens evangélicos e protestantes, que, juntos, significam menos de um quarto do total da juventude que participou da pesquisa. Os espíritas (kardecistas, umbandistas e candomblecistas) somam 3% do total de jovens. As outras religiões, ainda menos conhecidas, reúnem 2% da juventude.

Já, de acordo com dados do Censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira se declarou respectivamente ser: 64,9% católicos, 22,2% evangélicos, 8,1% sem religião e os adeptos da umbanda e do candomblé eram 0,3%. Destaque para a crescente dos jovens declarados sem religião, ou seja, os que têm fé sem vínculos religiosos institucionais.

Os dados apresentados pelos adolescentes e jovens estudantes do Centro Educacional Marista São José revelam uma diferença acentuada em relação a esses dois referenciais abordados anteriormente, uma vez que em nossa pesquisa dos entrevistados, 27% são católicos, (se considerarmos os que se dizem católicos e também frequentam outra religião ou igreja, temos 33%), os evangélicos são 33% e sem religião ou prática religiosa são 23%. Percebemos, portanto, uma minoria católica, diante da maioria evangélica e um considerável número de adolescentes e jovens sem religião ou prática religiosa, ou seja, cerca de 1/4 dos entrevistados.

Esta realidade apresenta alguns desafios pedagógico-pastorais. Dos quais a ação pastoral deve considerar o cenário ecumênico e inter-religioso, primando pelo diálogo entre diferentes crenças e igrejas, potencializando e ampliando a atenção e defesa da dignidade humana, especialmente frente às ameaças e violências que tem raiz no sectarismo, perseguição étnica e intolerância.

Apresentar uma visão de mundo, aos jovens, ou tentar impor elementos, não é tão eficaz quanto dialogar, com eles, sobre aquilo que nos une e não o que nos afasta. Conhecer e entender a visão de mundo manifesta em sua dinâmica, oferece elementos essenciais a sua condição religiosa. Nessa perspectiva, as referências de valores religiosos são essenciais, pois acompanhados, os jovens, manterão seus raízes, principalmente diante das tensões da pós-modernidade, potencializadas com o maior acesso a informações e conhecimentos, “frequentemente hostil à religião, termina o processo de secularização até o secularismo sem religião.” (LIBANIO, 2004, p. 44)

Dentro de uma proposta educativo-evangelizadora acolhedora, na qual “Educamos pela solidariedade, sobretudo acolhendo, na mesma instituição escolar, crianças e jovens de diferentes contextos sociais e religiosos, assim como educandos desfavorecidos e marginalizados” (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2000, p. 63), necessitamos compreender o papel das religiões e sua influência na vida de nossos atendidos e assim, melhor desenvolver nossa ação pastoral e educativa, dentro de um processo de formação integral, na práxis da Missão Educativa Marista.

Outro elemento importante que nos apresenta a pesquisa é a referência familiar na prática religiosa ou na participação na comunidade de fé. A tradição religiosa daqueles que seguem as práticas religiosas aprendidas na infância, no interior da família, está deixando de

ser uma realidade. Tal fato exige ver além das inquietações existenciais de uma vivência da fé persistente na turbulência própria da adolescência, mesmo não afetando diretamente as relações com a religião.

No questionário, foram identificados como *responsável 1* a figura feminina (mãe, avó, tia, irmã) e *responsável 2* a figura masculina (pai, avô, tio, irmão), para que os respondentes apontassem aquele/a que influencia no desenvolvimento da identidade religiosa. Ficou evidente que a maioria reconhece a figura feminina como a que mais influencia na prática religiosa familiar em comparação com a figura masculina, conforme quadro abaixo.

Prática Religiosa*		
Responsável 1		Responsável 2
47%	Católicos	27%
26%	Nenhuma Religião	25%
12%	Assembleia de Deus	5%
4%	Adventista	3%

*Fonte: o autor – 2015.

Os dados nos permitem dizer que essa influência, determinada pela presença feminina na vida dos adolescentes e jovens, associada à responsabilidade, é fundamental para outras áreas, certamente sendo referência no processo de desenvolvimento integral do educando. A prática pedagógico-pastoral deve considerar que “o envolvimento da família também está associado à responsabilidade que vem assumindo em relação à vida escolar das crianças [adolescentes e jovens]”. (Grupo Marista, 2012, p. 123)

Os dados revelados pelos adolescentes e jovens nos permitem contrapor algumas análises precedentes em outros estudos, nos quais sobressai a ideia de que a religião não faz diferença para a complexa vida social contemporânea e que os jovens não carregam consigo valores profundos. Sobre a importância da religião, 86% dos entrevistados reconhecem que ela é muito importante, sendo que destes, 72% manifestam haver alguma importância, mesmo havendo 25% declarado sem prática religiosa. Esse resultado parece sinalizar que entre os estudantes existe um senso religioso caracterizado pelo desejo de experimentação. Regina Novaes (2005) afirma que são os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais. (p. 271).

Ao serem indagados se a Escola Marista os faz pessoas melhores 53% dos respondentes disseram que sim, destacando os valores maristas como principal referência em seu processo de formação. Dado que encontra respaldo na argumentação de Novaes (2005) ao constatar que a religião continua fazendo diferença para a juventude atual, haja vista o fato de que as instituições religiosas ainda produzem espaços de agregação social e de construção de identidades juvenis. Além do fato de serem as instituições religiosas apontadas como as mais confiáveis entre os jovens.

É diante desses contextos e desafios que nos mobilizamos para “ajudar os nossos educandos a viver de maneira positiva essa diversidade crescente nas nossas obras apostólicas, educamo-los para o diálogo e para a tolerância.” (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2000, p. 62) E para que isso se concretize e contemple a formação integral dos de nossos atendidos, é necessário olhar nossa prática a partir da realidade deles, respeitando e considerando sua singularidade.

No questionário indagamos aos educandos se em algum momento eles se sentiram discriminados pelo fato de terem uma religião e onde sofreram essa discriminação. Dos respondentes, 85% assinalaram que “não”, no entanto, 15% (19 respondentes) assinalaram “sim”. Daqueles que já se sentiram discriminados por sua opção religiosa, nove estudantes, quase metade, sofreram discriminação na escola, inclusive por parte de seus professores. Esse dado nos alerta para necessidade, cada vez maior, de criar espaços legítimos para se discutir a questão religiosa entre adolescentes e jovens, “em se abrir ao diálogo respeitoso e ao acolhimento fraterno da diferença do outro, na qual a diferença é percebida como possibilidade de enriquecimentos dos significados da vida e do mundo”. (Grupo Marista, 2014, p. 75.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo a pluralidade de identidades e modos de ser dos adolescentes e jovens, o Projeto Educativo Marista considera as questões referentes à subjetividade, em especial a religiosidade. Portanto, ao analisar a escola marista sob a ótica dos cenários e teorizações contemporâneos passamos a compreendê-la como espaçotempo de educação evangelizadora, de produção e circulação de culturas, de elaboração/reelaboração de saberes e conhecimentos e de produção de sujeitos pautados nos valores cristãos. (Projeto Educativo do Brasil Marista, 2010, p. 53)

A atual conjuntura nos convoca a debruçar sobre conceitos que, além de nos desafiar, influenciam sobre as formas de ver, pensar e praticar a educação em nossos espaços educativos. A compreensão do perfil religioso de nosso ambiente educativo é fundamental para respeitar e valorizar a liberdade e riqueza das tradições religiosas dos educandos, apontando a necessidade e as possibilidades para abertura de diálogo e respeito entre educandos e comunidade educativa.

É diante desses contextos e desafios que nos mobilizamos em “ajudar os nossos educandos a viver de maneira positiva essa diversidade crescente nas nossas obras apostólicas, educamo-los para o diálogo e para a tolerância.” (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2000, p.62) E para que isso se concretize e contemple a formação integral dos de nossos atendidos, é necessário olhar nossa prática a partir da realidade destes, respeitando e considerando sua singularidade, através da educação, nossa missão, que é essencialmente “Tornar Jesus Cristo conhecido e amado”, será desenvolvida num ambiente de aceitação, respeito mútuo e fraternidade, expressões concretas da espiritualidade marista em sua essência.

Os elementos destacados e analisados da pesquisa, além de fazer refletir a importância de conceber as ações pastorais a partir de um olhar ecumênico e de diálogo inter-religioso, assinalam que nossas atitudes estão fundamentadas na essência da Missão Educativa Marista. No contexto social e frente à diversidade cultural e religiosa que circundam nossas unidades maristas, somos constantemente interpelados a responder, com eficácia, às exigências de agir pastoral desse universo plural. Nos fez perceber que a cada passo dado, se descobre que há muito a caminhar.

Os dados aqui apresentados e os demais apontados pela investigação, apontam desafios que devem ser pautados na multi-culturalidade religiosa, os quais necessitam de discernimento com foco nas tradições e valores, em vista da convivência cidadã dos sujeitos, e nas crenças que permeiam a comunidade como um todo. Compreensão de uma educação para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, que garanta o respeito e aproximação, sem interferência no comportamento ou tradições.

Evidencia, ainda, a necessidade de conhecimento a respeito da cultura religiosa dos agentes envolvidos nos processos pedagógico-pastorais, fundamentado em fontes consistentes, em vista de uma formação qualificada sobre a antropologia das religiões.

Por fim, as reflexões apresentadas nesse artigo não esgotam o entendimento sobre religião, ecumenismo, diálogo inter-religioso e Missão Educativa Marista. Antes, afirmam a necessidade de abordar e aprofundar aspectos centrais, tão importantes quanto os aqui apresentados, na busca de diálogo cada vez mais intenso e autêntico pautado nos valores cristãos e na dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Wendel. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In: ABRAMO, Helena. Wendel; BRANCO, Pedro Paulo. (Orgs.) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8069.htm> Acesso em 05 de julho de 2014.

_____. **Estatuto da juventude**: Lei federal nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Brasília, 2013. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/.../L12852.htm> Acesso em 05 de julho de 2014.

CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. **Juventudes no Brasil – Vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas**. In: Família, sociedade e subjetividades – Uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CRAWFORD, R. **O que é Religião?** São Paulo: Vozes, 2005.

FREITAS, Maria V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um mundo novo é possível**. São Leopoldo, Sinodal, 2004.

KÜNG, Hans. **Introdução: o debate sobre o conceito de religião**. *Concilium*, Petrópolis, v. 22, n. 203, p. 5-10, 1986.

_____. **Teologia a caminho: Fundamentação para o diálogo ecumênico**. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. **Religiões do mundo. Em busca dos pontos comuns**. Campinas: Verus Editora, 2004.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Comissão Interprovincial de Educação Marista (1995-1998). **Missão educativa Marista: um projeto para nosso tempo**. [tradução Manoel Alves, Ricardo Tescarolo]. 3. ed. São Paulo : SIMAR, 2003.

LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MUÑOZ, Manuel Alfonso Díaz. **Religião e multiculturalidade: o diálogo, categoria central na teologia contemporânea**. In: Revista de Educação do Cogeime – Ano 23 – n. 44 – janeiro/junho 2014. Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v23n44p85-101>.

NAVARRO, Juan Bosch. **Para compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Loyola, 1995.

NOVAES, Regina. **Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?** In: ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da juventude brasileira – análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. **O diálogo entre as religiões**. In Revista Vida Pastoral, São Paulo: Paulus, p. 3-10, julho-Agosto de 2007. Disponível em: <http://vidapastoral.com.br/edicao/255/o-dialogo-entre-as-religoes/>

WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

TRANSIÇÕES PARA VIDA ADULTA: DESAFIOS VIVIDOS POR JOVENS DA CIDADE DE SÃO PAULO

*Fernanda Arantes e Silva,
doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de
São Paulo¹ / fernandarantes@usp.br*

Neste texto apresentarei os resultados parciais da pesquisa de doutorado que está em curso que visa ampliar a compreensão que se tem acerca de homens e mulheres jovens com idade entre 25 e 29 anos, residentes da cidade de São Paulo, no que diz respeito à transição para a idade adulta, o processo de individuação e os desafios vividos por estes sujeitos tanto para transitarem de um momento do curso de vida para o outro, quanto para se constituírem enquanto indivíduos na sociedade atual.² As questões que orientam a pesquisa são: quais são os marcadores que estão presentes na transição da condição de jovens para a de adulto na sociedade atual? Quais são os desafios comuns enfrentados pelos sujeitos jovens? Quais são as respostas dadas por estes sujeitos aos desafios com os quais se deparam? A participação em grupos e coletivos juvenis afeta os processos de transição para a vida adulta? Como se processa os modos de ação coletiva, uma vez instaladas experiências mais expressivas da vida adulta?

Os objetivos construídos a partir dos questionamentos acima enunciados e que guiam o olhar para o desenvolvimento do estudo são: i) Identificar quais são os marcadores que estão presentes na transição dos sujeitos jovens para a vida adulta nas sociedades atuais, a partir da perspectiva deles; ii) Identificar quais são as provas vivenciadas por moças e rapazes no processo de transição para a vida adulta e como enfrentam esses desafios; iii) Averiguar como ocorre o processo de individuação dos sujeitos para se constituírem enquanto indivíduos adultos, tanto no âmbito individual como nas ações coletivas; iv) Verificar se a participação em grupos e coletivos juvenis tem efeito nos processos de transição para a vida adulta; v) Inferir como se processa os modos de ação coletiva uma vez iniciada experiências significativas da vida adulta.

O texto está dividido em três sessões. Na primeira apresento o aporte teórico no qual se apoia esta pesquisa; na segunda a metodologia utilizada e elementos do trabalho de campo; por fim, compartilho com o leitor alguns “achados” da pesquisa até o momento desenvolvida, que estão a orientar a identificação dos desafios vividos pelos jovens.

1 Esta pesquisa é realizada sob a orientação da Professora Dra. Marília Pontes Sposito e recebe apoio por meio do processo nº 2014/20343-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2 As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

1. INDIVIDUAÇÃO E TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

O ponto de partida é o entendimento de que a inserção no mundo adulto, como pontuou Pais (2001), não se dá mais de modo linear, que as transformações que ocorreram nos âmbitos econômicos, sociais, culturais, educacionais, no mundo do trabalho e nas instituições centrais da sociedade, passaram a exigir dos sujeitos que se responsabilizassem pelo seu processo de individualização e desenho de sua identidade. Essas transformações chamam a atenção para um novo modo de se fazer pesquisa, sendo os indivíduos e as diversas formas de se constituírem como tal, os sujeitos da investigação sociológica.

Danilo Martuccelli é na atualidade quem, por meio de suas pesquisas e vasta bibliografia, vem apontado para a necessidade de realizar uma sociologia do indivíduo, que permita apreender as mudanças históricas e sociais, pela perspectiva do indivíduo. Segundo o autor, nas sociedades atuais a maior parte das trajetórias tendem a individualizar-se, o que torna imprescindível que as investigações tenham como objetivo apreender as diversas formas em que se constroem as existências individuais (MARTUCCELLI, 2007). Para compreender esta nova dinâmica social é necessário, como propõe Danilo Martuccelli, uma mudança de rumo. Como o próprio autor pontua a sociologia sempre se interessou pelo indivíduo, no entanto, ela o aborda apenas como a consequência imediata de mudanças estruturantes. Martuccelli (2007) no livro “Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo”, no capítulo 1 faz uma análise em que apresenta as três grandes estratégias intelectuais para o estudo do indivíduo: a socialização, a subjetivação e a individuação (p. 19). Neste capítulo é apresentada ao leitor a continuidade histórica, a diversidade das vias de estudo do indivíduo e a inflexão contemporânea que é comum a cada uma delas.

Nesta pesquisa, o estudo da transição para vida adulta é realizado a partir da via da individuação, que consiste em “establecer una relación sui generis entre la historia de la sociedad e la biografía del ator” (Martuccelli, 2007, p. 30). Isto é, uma via que considerando as grandes transformações históricas se propõe a escrever e analisar a produção dos indivíduos nas sociedades modernas. Segundo Martuccelli (2007, p. 30) “la dinámica esencial de la individuación combina un eje diacrónico com un eje sincrónico, tratando de interpretar en el horizonte de una vida – o de una generación – las consecuencias de las grandes transformaciones históricas”. É apoiado na perspectiva teórica da individuação que esta pesquisa pretende apreender como que os indivíduos se forjam enquanto indivíduos adultos nas sociedades complexas, ou seja, nas sociedades marcadas pelas transformações ocorridas pela globalização, que segundo Martuccelli

[...] una sociedad compleja, altamente diferenciada, produce un individuo fuertemente singularizado (el actor de la “modernidad”). El individuo aparece así como una de las mayores consecuencias de una sociedad profundamente diferenciada, en la que pertenece a una pluralidad de círculos sociales, intercambia com un número cada vez más elevado de personas desconocidas y esta sometido a una cada vez mayor estimulación nerviosa de parte de su entorno urbano (2007, p.31).

No centro da teoria da individuação, para Martuccelli, está a noção de prova ou desafio. É a partir do estudo das provas que cada indivíduo vivencia e dos suportes que estão à sua disposição, que será possível compreender esse processo. Mesmo em uma sociedade globalizada como a nossa, o processo de individuação carrega as marcas das mudanças estruturais, mas deve ser analisado a partir do modo como são objeto de respostas por parte dos indivíduos. As provas são, então, os desafios históricos produzidos socialmente e desigualmente distribuídos que os atores são obrigados a enfrentar para que possam constituir-se enquanto indivíduos (MARTUCCELLI e SINGLY, 2012a).

As provas, enquanto desafios estruturais, são as mesmas para parcelas majoritárias da sociedade, as diferenças estão situadas nas posições e recursos que grupos ou indivíduos possuem para enfrentá-las (MARTUCCELLI, 2007). Desta forma, esta pesquisa tem por objetivo investigar quais são as provas que caracterizam esse momento do curso de vida e quais as respostas dos indivíduos para enfrentarem o processo de transição para a vida adulta.

2. METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO

A metodologia adotada foi a qualitativa, por meio da realização de entrevistas individuais. O estudo pela via da sociologia do indivíduo privilegia a realização de entrevista, pois ela permite um olhar sociológico a partir de três elementos: o trabalho dos sujeitos sobre si, a singularidade e o fato de creditar coerência para as ações do indivíduo. No trabalho sobre si mesmo, a entrevista possibilita a criação de um espaço de reflexão entre o pesquisador e o entrevistado. É preciso que sejam tomados os devidos cuidados para que os atores entrevistados não respondam em um formato prévio, a entrevista pode ser para o indivíduo um momento de retorno sobre si mesmo. Para Araujo e Martuccelli (2012b) a entrevista, seja na sua forma clássica, seja no intercâmbio múltiplo, não recolhe representações acabadas, mas contribui para produzi-las, ajudando os sujeitos entrevistados considerar elementos da zona de não consciência e da zona de consciência (p. 93). A partir desta proposta metodológica, em que a reflexão dos indivíduos sobre si mesmos é relevante, entende-se que o processo de individuação não tem um fim e o que interessa do ponto de vista metodológico é a reflexão produzida.

Durante os meses de setembro e outubro de 2015 realizei 13 entrevistas individuais, com 8 homens e 5 mulheres participantes e ex-participantes de coletivos juvenis, com idade entre 20 e 30 anos. Foi utilizado um roteiro semiestruturado que contemplou os seguintes aspectos: trabalho, educação, relação familiar, religião, moradia, mobilidade, tempo livre, participação no coletivo, desafios que enfrentavam naquele momento de vida e quais eram as estratégias criadas para enfrentá-los, que momentos marcaram suas vidas, percepção que tinham sobre ser jovem e ser adulto e como se viam. Iniciei as entrevistas solicitando que realizassem uma apresentação sobre eles e a provocação disparadora foi “conta como está a sua vida”.

A identificação dos indivíduos entrevistados se efetuou por meio do mapeamento de grupos juvenis existentes na cidade³, em que se buscou: garantir a heterogeneidade dos grupos; contemplar as mais diversas formas de coletivos existentes; assegurar a heterogeneidade de classes sociais e distribuição dos mesmos pela cidade; e manter o equilíbrio entre moças e rapazes a serem entrevistados. Todas as entrevistas foram gravadas e o áudio das mesmas foram transcritos. A leitura das entrevistas permitiu identificar alguns possíveis desafios vividos por jovens no processo de transição para a vida adulta na atualidade. Na sessão seguinte, abordarei, de modo sucinto dois desafios.

3. O DESAFIO DO TRABALHO

Ao serem indagados sobre como estavam suas vidas, o primeiro elemento trazido foi o trabalho. As moças e rapazes estavam trabalhando no momento em que as entrevistas foram realizadas e, de modo geral, se mostraram satisfeitos com as atividades desenvolvidas, pois as mesmas se dialogavam, direta ou indiretamente, com as ações dos coletivos dos quais participavam. O que identifiquei foi que, para alguns, a participação no coletivo ampliou a rede de contatos o que lhes possibilitou a inserção em trabalhos do terceiro setor e, até mesmo, fazer do coletivo o seu próprio trabalho. Irei apresentar dois exemplos de jovens que deixaram o trabalho formal para se dedicar as ações do coletivo.

O primeiro caso é do Igor⁴ integrante do coletivo Literatura Suburbana. Em 2007, quando funda o coletivo deixa o trabalho formal que realizava em um escritório de advocacia para se dedicar a organização das ações do grupo, que havia iniciado realizando palestras sobre a Lei 10.639 em escolas que lhes abriam as portas e eventos aos finais de semana de Hip Hop. Para levar suas ideias adiante, viu que era necessário organizar de forma sistemática essas ações, dar nome ao coletivo e ter uma rotina, para isso ele saiu do emprego que tinha:

E foi quando meio que também a gente desencanou, pelo menos eu né, desencanei do trabalho formal. Na época eu estava trabalhando no escritório de advocacia aí eu sai, fiquei um tempo desempregado. Trabalhei uma cota num restaurante, aí foi quando eu falei: não, não, esse bagueio não é para mim não, joguei e fui viver disso. (Igor, 28 anos)

A dedicação inicial que ele depositou na organização do coletivo foi importante para a ampliação da sua rede de contatos e alargamento das oportunidades de trabalho, pois foi o que lhe possibilitou investir tanto na realização de trabalhos voltados para a educação não formal, como na sua carreira de músico. No momento em que realizamos a entrevista ele

3 Para este mapeamento utilizei as informações disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Cultura de grupos e coletivos juvenis que já foram contemplados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais. Por meio deste mapeamento identifiquei 286 coletivos, que se enquadravam nos seguintes critérios: permanecer atuante após terem sido contemplados pelo Programa VAI e contarem com integrantes com idade entre 25 e 29 anos. Desse total selecionei 12 grupos e contatei seus integrantes em busca de interessados em participar da pesquisa.

4 Para fins desta pesquisa serão apresentados nomes fictícios para resguardar a identidade dos participantes.

estava ministrando oficinas na biblioteca de um equipamento cultural do Governo do Estado de São Paulo, no bairro da Brasilândia e em uma Escola Estadual, pelo Ponto de Cultura da Rádio Cantareira. Depois de oito anos de existência do Literatura Suburbana, ele conseguia identificar que esses trabalhos eram frutos da sua atuação na região via coletivo: “É eu convidado enquanto pessoa que adquiriu experiência no coletivo né? Não é desligado do outro”.

Esse mesmo percurso, de abandonar o trabalho com hora para entrar e hora para sair, também foi seguido pelo integrante do Coletivo Correspondência Poética. Seu contato com a literatura iniciou aos 15 anos quando frequentava as atividades culturais desenvolvidas pela Associação Trópis para o Desenvolvimento Social, que atuava na Zona Sul. Seus trabalhos sempre estiveram relacionados com atividades culturais, fosse realizando pequenos trabalhos na área da produção de espetáculos, com grupos teatrais, ou ministrando oficinas ligadas a literatura em Organizações Sociais não Governamentais na região do Campo Limpo e Capão Redondo. Em 2009, ano em que o coletivo foi fundado, ele estava com 24 anos, e, desde então, passou a se dedicar ao trabalho realizado pelo coletivo e às oportunidades que foram sendo geradas pela atuação no mesmo: “agora eu tô trabalhando só com coisas do Correspondência Poética, mesmo. Fora esse trabalho com o Museu da Pessoa, mas o trabalho com o Museu da Pessoa também é resultado do trabalho com coletivo”. (André, 30 anos)

Essas experiências revelam que moças e rapazes integrantes de coletivos, alimentam o sonho de realizarem um trabalho que dialogue com a atuação no grupo do qual fazem parte. Podemos dizer que essa expectativa de que é possível sustentar-se financeiramente por meio da cultura, do trabalho realizado na ponta, surge em um contexto em que há, por parte do poder público, a valorização das ações que são realizadas pela sociedade civil nas regiões periféricas, onde são escassos os equipamentos e atividades culturais. Há, portanto, por parte do Estado, incentivo as ações coletivas por meio da criação de Programas que subsidiam financeiramente seus projetos, como, por exemplo, o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais – VAI, criado em 2003, o Programa Agente Comunitário de Cultura, de 2014, que visa apoiar, por meio de bolsas, indivíduos envolvidos na produção e acesso à cultura, ambos da Prefeitura de São Paulo. No âmbito do Governo Estadual o Programa de Ação Cultural – ProAC, criado em 2006, também possibilita a grupos e coletivos o desenvolvimento de suas ações. Já no âmbito federal, o Programa Cultura Viva, criado em 2004, tem como eixo principal os Pontos de Cultura, que visa valorizar e apoiar as iniciativas culturais implementadas nas regiões de menor poder aquisitivo. No entanto, essas iniciativas não são suficientes para atender a demanda crescente de coletivos juvenis que surgiram nos últimos 10 anos na cidade de São Paulo.

Nesse contexto de escassez de recursos oriundos do poder público, a pergunta que surge é: *será que o desafio que é posto para esses jovens é conseguirem desenvolver o trabalho cultural e social que lhes foi possibilitado iniciar no interior da ação coletiva?* O trabalho, entendido como um dos limiares para a transição para a vida adulta, já foi transposto por esses indivíduos, aliás muito cedo, pois a maioria começou a trabalhar ainda quando estavam cursando o ensino médio, sendo que alguns, ainda quando crianças ou na adolescência, já ajudavam os pais com pequenas atividades, como foi o caso da integrante da Banda Útero

Punk, que desde os 7 anos de idade “vendia gelinho, vendia limão, vendia suco, vendia tudo, eu percebia que minha família dependia de determinadas ajudas” (Thais, 27 anos); e da integrante do coletivo Perifacine, que sempre olhou os irmãos menores e ajudava os pais no comércio de doces que tinham no bairro. Desta forma, não é a inserção no mercado de trabalho que aparece como uma questão para esses indivíduos, e nem a conciliação do trabalho com atuação coletiva, é fazer da ação coletiva o seu trabalho.

3.1 A busca por um espaço para chamar de seu

Esse é um aspecto da vida que apareceu de forma evidente como um desafio. Aqueles que ainda moram na casa dos pais, desejam sair, e aqueles que já saíram, alimentam o sonho da casa própria. Em ambos os casos, o que dificulta ter um espaço para chamar de seu é a ausência de recursos financeiros.

Dentre os jovens entrevistados, seis já não moravam mais com seus pais e, a saída do domicílio familiar ocorreu relativamente cedo e por razões diversas, como para Igor que deixa a casa de sua mãe para morar, primeiro, com sua irmã e depois sozinho, com 18 anos. Segundo ele, precisava de espaço, pois sua família é grande, tem cinco irmãos e sempre moraram em casa pequena. André aos quinze anos vai morar em uma república, mantida pela Associação Trópis para o Desenvolvimento Social. Sua mãe volta para Alagoas e ele se recusa a ir iniciando desde cedo a experiência de morar sozinho. Thais, aos 18 anos, quando fica grávida de seu primeiro filho, é expulsa de casa pelo pai e vai morar na casa da família do namorado, logo eles constroem um domicílio independente. Todos os três, casados, atualmente moram de aluguel. Para eles, a aquisição de uma casa própria é sinônimo de estabilidade e os meios para enfrentar esse desafio é através do trabalho. Para Igor, é necessário manter o foco, essa é a sua principal prova, uma vez que a sua fonte de renda é as atividades que realiza pelo coletivo e também com a música, por isso, precisa estar atento ao que acontece no meio cultural.

O desafio é manter o foco, achar esses novos caminhos, porque a gente trabalha numa economia que é criativa, que ela vai mudando. Que ela não é, ela está sendo. Então o desafio para alcançar as outras coisas, uma estabilidade melhor, poder comprar casa, enfim, e dar uma vida melhor para os futuros filhos, acho que é isso, manter a concentração, o foco. (Igor, 28 anos)

Já para André, que estava às vésperas do nascimento do seu primeiro filho, a urgência era manter uma regularidade no trabalho e expandi-lo para que pudesse ter retorno financeiro e pessoal do tempo que dedicava para o seu trabalho, que era o coletivo. Com a chegada do filho resolver o seu problema de moradia passou a ser um desafio, embora seus planos fosse poder viajar para realizar projetos em outros lugares, quer ter para onde voltar: “claro que a gente sabe que precisa de estabilidade de vida, ter uma casa, ter um porto para onde se possa voltar sempre, é essencial. Principalmente por ter uma criança também e tal. E, sei lá, porque

me sinto mais seguro assim” (André, 30 anos). Thais, que também já tem filhos, expressa o mesmo desejo de comprar uma casa própria, ela e o esposo estavam guardando dinheiro para dar entrada e acreditava que em 2016 seria possível comprar.

O desejo de sair da habitação familiar, tanto para aqueles que não moravam mais com seus pais, como para os que ainda moravam não tinha como pano de fundo dificuldades nas relações familiares, mas sim o anseio por um lugar que fosse seu, onde pudessem ter o seu espaço. Vinicius aos 21 anos sai da casa de sua mãe, com quem morava com a avó e o padrastrito, para morar em uma residência artística com demais integrantes do Coletivo 132, do qual fazia parte. Disse que a saída se deu de modo gradual, pois sua mãe nunca o pressionou para que saísse, mas para ele era importante ter um espaço para as suas “tranqueiras”:

Eu achava que ia morar com meus pais até meus 30 anos, que a gente sempre se deu muito bem. Mas, foi natural, eu precisava de um Atelê. Foi gradual, assim de repente, quando eu vi, eu já estava direto na casa, mó galera, mó sintonia, já não cabia minhas coisas na minha mãe. Sempre juntei muita tranqueira. Minha mãe sofre, ainda mais com a relação que a gente tem, né, muito boa. (Vinicius, 29 anos)

Tadeu, que ainda morava com sua mãe, quer sair de casa. Estava procurando casas para alugar, mas a “cidade não oferecia lugares baratos para morar”. Tem privacidade e um bom relacionamento com sua mãe e por ela, ele não sairia de casa, mas quer sair por conta de espaço: “Minha mãe até preferia que eu ficasse. Mas já deu, preciso do meu espaço, não está dando. É mais por uma questão de espaço, de querer sair. Porque, assim, o meu mundo já está muito maior do que aquele quarto e eu não consigo mais ficar ali”. (Tadeu, 29 anos)

Essa busca por um espaço também começou a ficar mais presente na vida de Maira, principalmente depois que ela morou com o namorado por um ano e meio. Ela havia retornado para a casa dos pais e esse retorno estava sendo um grande desafio, uma readaptação, pois, como ela mesma disse: “por mais que tenha ficado pouco tempo fora de casa, eu voltei diferente, eu mudei pra caramba, enfim, sou outra pessoa”. (Maira, 30 anos). A constatação de que a casa não era dela, mas sim dos seus pais, tornava mais urgente encontrar um novo espaço para morar, além disso, o distanciamento da casa paterna, como ela mesma relatou, fez com que ela mudasse, o que afetou a relação com seus pais:

Não sei se é para mulher a gente idealiza aquele homem, pai, mas aí as máscaras vão caindo, a vida vai mostrando que ele é um ser humano. E ele foi mostrando que ele é um ser humano, enfim. Cheguei em casa, tipo um mês de três semanas em casa de novo e a gente brigou por um motivo específico, que minha mãe também não concordava, meu irmão não concordava, ele já sabia que eu não concordava com aquilo, enfim.... Aí ele fez aquilo, enfim, e eu briguei, e assim de meu, gritar, e eu não sou de fazer isso. Então, eu vi que eu também estava muito diferente, não me encaixava mais naquilo, naquele sistema

que ele sempre enquadrrou e eu não percebia. E ele também viu que eu também não conseguia mais ser dominada, né? E aí foi, a gente brigou obviamente. Então, assim ele ficou muito triste, então está um clima chato. Quando ele chega eu não fico. Não que a minha ligação com meu pai tenha..., está tudo bem, mas eu entendi que está numa fase diferente, assim. (Maira, 30 anos)

Porém, mesmo com a estremecida na relação familiar, principalmente com seu pai, Maira disse que sua mãe quer que ela continue em casa. Mas ela não acha isso bom, pois percebe que sua mãe é muito dependente dela e de seu irmão. No momento, o que mais dificulta a sua saída é a questão financeira, sabe que não tem recursos suficientes para morar sozinha, precisará dividir com um amigo ou amiga.

Dentre os entrevistados, há aqueles que projetam para o futuro ter seu próprio canto. João, 28 anos, decidiu adiar a saída por questões financeiras, precisa se planejar melhor para conseguir guardar dinheiro. Morava com a mãe e um sobrinho há três anos em Carapicuíba, antes morava com suas irmãs em São Paulo. Só de ir morar com sua mãe passou a ter mais privacidade, menos pessoas dividindo a mesma casa. O ganho da privacidade tornava menos urgente a busca por um lugar só seu, além disso, era ele quem arcava com as despesas da casa. Hugo estava com 26 anos, embora sabia que “uma hora ia ter que sair”, projetava para o futuro. Além da questão financeira, o que segurava ele em casa era sua mãe. Em 2010 seu pai faleceu, morava com sua mãe e irmã, então não queria sair de casa e deixar a responsabilidade de cuidar da mãe somente para a irmã. Além disso, sair para morar sozinho não era visto com bons olhos pela sua mãe. Já Iara, ao projetar para o futuro sair da casa de sua mãe, faz isso por questões de dependência emocional, não consegue se imaginar longe de sua mãe e irmãos:

É muito confuso isso para mim. Assim, eu sou louca para ter o meu espaço do jeito que eu quero. Se eu quero uma pia no teto eu vou ter, assim uma coisa que eu não tenho em casa. Também, para ter essa vida individual, sabe? De fazer as minhas coisas, só que eu não me vejo longe deles. E não é questão de necessidade, assim, tanto que meus irmãos, eles têm o quê? Vinte e sete, trinta anos, e eu acho que eles também não se veem fora de casa, desse laço que a gente formou, sabe? Ainda mais depois que meu pai faleceu, assim, imagina, “não, não vou deixar minha mãe, não”. Aí, eu fico nesse embate, putz, isso é tão difícil, porque para mim seria muito fácil, né? Sei lá, pegar metade do meu salário, investir em um aluguel e viver uma vida e encarar isso como um desafio, porque eu acho que eu ia aprender muito também. Aprender a ter outras responsabilidades que eu ainda não tenho. (Iara, 20 anos)

A busca de um espaço para chamar de seu impõe aos indivíduos provas tanto materiais, como emocionais. No entanto, diante da ausência de políticas de habitação voltadas para essa população, os desafios materiais são os que mais pesam na hora de sair de casa. As estratégias, portanto, ficam restritas ao âmbito pessoal, exigindo concentração de esforços que se dão na dimensão do trabalho.

* * *

Gostaria de ressaltar que a pesquisa está em andamento e que as discussões aqui levantadas não são conclusivas, mas acredito que pode contribuir com o debate sobre os modos como os jovens entram na idade adulta que nos últimos anos ocupa a agenda de pesquisas das mais diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, K.; MARTUCCELLI, D. Desafíos comunes: retrato de la sociedad chilena y sus individuos. 1ª ed. Santiago: LOM Ediciones, 2012b, t1.

MARTUCCELLI, D. Las tres vías del individuo sociológico. In: Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo. Santiago, Ed. LOM, 2007.

_____. Las pruebas del individuo em la globalización. In: Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo. Santiago, Ed. LOM, 2007.

_____. & DE SILGLY. Las sociologías del individuo. Santiago, LOM Ediciones, 2012a.

PAIS, J. M. Ganchos, tachos e biscates. Lisboa: Ambar, 2001. Parte I, Caps 2 e 3. PP 65-104.

NA ESCOLA E NAS REDES SOCIAIS: UM JEITO JOVEM DE PRODUZIR RÁDIO

*Francisca Joelina Xavier- Mestranda em Educação
Universidade Federal Fluminense- UFF
Instituição Financiadora: CAPES
joelinaxavier@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado ancorada ao campo da Diversidade Desigualdades Sociais e Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, e versa sobre uma experiência de pesquisa qualitativa de caráter etnográfico desenvolvida junto a seis jovens participantes de uma rádio escolar no município de Niterói-RJ.

Com o objetivo de compreender como e porque os jovens produzem rádio na escola, o texto encontra-se referenciado nas categorias juventude, mídia, tecnologias da informação e comunicação (TIC's) por configurarem-se como temas importantes de discussão no campo da educação escolar. Para Pais (2003, p. 37), “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. Ao abordar sobre campos culturais ou mercado no livro “Leitores, espectadores e internautas”, Canclini (2008, p.23-24) revela que “a escola vê reduzir-se sua influência: primeiro a mídia de massas e, recentemente, a comunicação digital e eletrônica multiplicaram os espaços e circuitos de acesso aos saberes e à formação cultural.

Nesta perspectiva, a intenção é problematizar que “Além do aluno quase silenciado, há um jovem querendo se expressar” (CARRANO, 2011, p.8), somos chamados a desconstruir a imagem de jovem rebelde, consumista, não ativos e entende-los enquanto sujeitos sociais (DAYRELL,2007), capazes de protagonizarem ações positivas em prol de um grupo, escola e comunidade.

O artigo se divide em alguns momentos: no primeiro apresento os aspectos metodológicos, apontando o tipo de pesquisa e onde mostro o jeito de caminhar na pesquisa de campo e como fui conduzindo. Em seguida, apresento um breve histórico da Rádio CEAL- Conectando você ao conhecimento, mostrando como os jovens se organizam e organizam as programações. Após, apresento o pátio como espaço de produção e protagonizações das ações culturais juvenis no espaço escolar, e por fim, apresento as considerações.

2. O CAMINHO QUE SE FEZ: PROCESSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa (MINAYO, 2006) com caráter etnográfico (GEERTZ, 2011) foi realizada no período de fevereiro de 2014 a setembro de 2015 na Rádio CEAL com sede no Colégio Estadual Aurelino Leal, no município de Niterói-Rio de Janeiro.

Para Minayo (2004, p.21) “a investigação qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos”. Neste tipo de pesquisa é importante também, “obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem, esta descrição é sempre escrita com a comparação etnográfica em mente (GEERTZ, 2011).

A rádio escolhida como campo empírico desta pesquisa possui atributos singulares que justificam sua escolha: funciona no espaço escolar desde os anos 2007, atualmente é coordenada e produzida por sujeitos jovens que estudam no Ensino Fundamental e Ensino Médio na escola; tem programações diárias no intervalo, ou seja, momentos de recreio dos turnos matutino e vespertino; possui uma página no rede social facebook, um canal no youtube e um aplicativo gratuito disponível à comunidade escolar, todos gerenciados pelos jovens.

Como ex-aluna de escola pública e ex-articuladora de projetos de rádio em escolas na cidade de Sobral, CE, “estranhar o familiar” foi o primeiro passo ao adentrar no ambiente da pesquisa. No livro “Olhos de madeira: nove ensaios sobre a distância”, Carlo Ginzburg (2001) nos apresenta dois artigos em particular, que, considero de fundamental importância para compreendermos as tensões que envolvem o conjunto de problemas que delimitam o presente trabalho. No texto “Estranhamento: pré-história de um procedimento literário” o autor fala das dificuldades encontradas pelos sujeitos para “estranhar” aquilo que lhes é familiar e após dialogar com os escritos do imperador romano Marco Aurélio e a narrativa de Tolstoi, convida-nos a desnaturalizar do olhar mecanizado e a exercer a arte do estranhamento.

No período de imersão no campo empírico, tive a possibilidade de “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2009, p.132) e fazer uma “descrição densa” e “construir categorias analíticas” (GEERTZ, 2011). Para tanto, utilizei instrumentos que privilegiassem interações com o universo dos jovens pesquisados. A observação participante aberta, o diário de campo, conversas informais com membros da rádio, senhora da cantina, estudantes que ficavam no pátio nos momentos de apresentação da rádio e entrevista compreensiva gravada no celular fizeram parte da pesquisa de campo exploratório. (DESLANDE, 2006)

As observações, inerentes aos momentos de incursão no campo, na concepção de Vianna (2007, P. 26) “consiste na possibilidade de o observador integrar a cultura dos sujeitos observados e ver o “mundo” por intermédio da perspectiva dos sujeitos da observação e eliminando a própria visão. Assim, devem ser entendidas como um processo onde o pesquisador deve ser cada vez mais um participante e obter acesso ao campo de atuação e às pessoas. A observação deve, aos poucos, se tornar cada vez mais concreta e centrada nos aspectos essenciais para responder às questões da pesquisa. Observações essas que devem diariamente ser repassadas e dialogadas com o diário de campo.

Uma das inspirações para se pensar na importância do diário de campo veio de Barbosa e Hess (2010). Para os autores, esse instrumento é indispensável para o trabalho de campo. Ele serve para o pesquisador escrever notas, impressões, observações, primeiras teo-

rizações, mapas, esboços e “aprendemos a significar significando”. (BARBOSA E HESS, 2010, p. 24.) O diário de campo foi utilizado como forma de apreender melhor os significados que são emitidos, quando investigamos uma realidade social e os sujeitos inseridos nela.

Para conseguir caminhar na pesquisa, tive o cuidado de estar dentro da sede da rádio e junto aos jovens, nas reuniões, nos horários de programações da rádio no pátio, nos momentos de gravação e edição de vídeos no pátio da escola. Acompanhar os jovens possibilitava-me conhecer melhor as dinâmicas e as relações entre eles, entre eles e os jovens estudantes da escola e entre eles e a gestão escolar, e construir laços que permitissem uma maior abertura para minha inserção em seus cotidianos, reduzindo com isso os riscos de realizar interpretações contrárias a partir da teia de significados constituída mediante as falas e os comportamentos dos sujeitos investigados.

Nesta perspectiva, o “olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA,2000) caminharam juntos convocando-me a exercitar habilidades de como saber ser, estar, ver, escutar e criar. Para o autor, “o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica” (*idem, ibidem*, p.31) e que o “escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar.” (*idem, ibidem*, p.32).

Entre os meses de outubro a início de novembro 2014, levava comigo um diário de campo, um caderno para registro dos principais elementos percebidos e apreendidos. O uso do celular foi utilizado também para gravar em formato de áudio os momentos de reuniões, da entrevista compreensiva com o coordenador, fazer registro fotográfico e gravar em formato de vídeos os momentos das práticas dos jovens no pátio, na sede da rádio, na quadra esportiva e no auditório da escola.

3. A RÁDIO CEAL NA ESCOLA: BREVE DESCRIÇÃO

A Rádio C.E.A.L entrou no ar no ano de 2007. Liderada por um professor, foi instalada no interior do ambiente escolar e objetivava contribuir com a prática pedagógica dos professores que tinham a perspectiva de trabalhar de forma interdisciplinar os conteúdos escolares ligados aos Parâmetros Curriculares Nacionais (FLORES, 2010, p.26). Após ficar fora do ar, entre os anos 2010 a 2011, em 2012, um grupo de 5 jovens que faziam parte do grêmio estudantil da escola reativam-na e cuidam até os dias atuais.

Atualmente o grupo da rádio é composto por 15 jovens, destes, dez são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Todos os membros são estudantes do Ensino Médio do C.E.A.L no turno da manhã, sendo que: um membro estuda no 1º ano, um no 2º ano e treze no terceiro ano. Os jovens estão na faixa etária entre 16-18 anos, destes, dois tem 16 anos, dez tem 17 anos, três tem 18 anos. Os jovens estão divididos em dois grupos: a) rádio no intervalo da escola e b) produção de vídeo, com suas respectivas funções, ficando para o coordenador com a função de cuidar das páginas do grupo na redes sociais e nas interações com a gestão escolar.

O grupo das programações de rádio no pátio organizam-nas em dois formatos: a) programações de *playlist* musicais, as quais são transmitidas através do sistema interno de som instalados no pátio e b) programações ao vivo, as quais são realizadas no pátio central da escola com apresentações culturais de dança, teatro, música, batalha de rap, batalha de passinho. O grupo de produções de vídeos são responsáveis de produzir os vídeos no espaço escolar e veicula-los no canal youtube.

Com as observações e registro de campo, foi possível mapear os estilos de programações, dias e horários da semana e espaços onde são executados as atividades do grupo “rádio nos intervalos da manhã” na tabela abaixo.

Tabela 01-Programações realizadas no intervalo da escola.

ESTILO DE PROGRAMAÇÃO	DIA DA SEMANA	HORÁRIO	PROGRAMAÇÃO
Musical	Segunda-feira Terça-feira Quinta-feira	9h:30 às 10h	<i>Playlist</i> de músicas nacionais e internacionais.
Cultural	Quarta-feira Sexta-feira	9h:30 às 10h	Apresentações culturais de dança, música, batalha do passinho, batalha de rap feitas por jovens da escola.
Esportiva	Quarta-feira Sexta-feira	9h:30 às 10h	Torneios de futsal masculino e feminino; Amistosos de futsal masculino e feminino; Amistosos de vôlei masculino.
Cobertura dos eventos esportivos	De acordo com a agenda dos torneios	9h:30 às 10h	Narração ao vivo das partidas de torneios de futsal masculino e feminino na quadra da escola.

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora, com base nos registros do diário de campo.

4. O PÁTIO: PONTO DE ENCONTRO E DAS PROTAGONIZAÇÕES DAS CULTURAIS JUVENIS

Nas observações, percebi que o pátio é um dos espaços mais frequentado pelos jovens da escola, com concentração maior nos horários de intervalo. Analisando mais de perto as relações que presidem o uso do tempo nos horários de intervalo na escola por intermédio das programações de rádio, culturais e esportiva, verificou-se que sua dinâmica ia muito além da ideia de ocupar espaços ditos “desocupados”, representava, antes, uma oportunidade, dos jovens mobilizarem as juventudes escolar para externar suas potencialidades, habilidades e saberes culturais, através de expressões de dança, música e esporte.

O espaço vai ganhando significado de acordo com as atividades desenvolvidas no cotidiano escolar. Deixam de ser apenas espaços “transitados” e tornam-se o “pedaço”, das culturas juvenis. O “pedaço” segundo Magnani (1996) é “quando o espaço - ou um segmento

dele - assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de “pedaço” (p.13).

No palco, os jovens estudantes com habilidades de dançar, cantar e tocar a convite dos membros da rádio apresentam-se nos horários de programações de intervalo do turno da manhã e tarde. As atrações são levadas ao palco através do convite dos membros da rádio e/ou por fazerem solicitações na sede da rádio.

Com o anuncio feito pelo “locutor” da rádio “então galera, a atração de hoje será”, “os caras mandam bem!”, percebi que cada grupo no seu “ritmo” e embalados pelas músicas que “curtem”, vão dando significado ao espaço e a si mesmo. Ao final da performance, os registros fotográficos e em vídeos ganham repercussão dentro e fora da escola, via whatsApp. Com aplausos e gritos solicitando “mais um, mais um”, “o grupo se garante, deixa dançar mais uma música”, indicam que a performance foi “bem sucedida”.

5. OS JOVENS, A RÁDIO E A ESCOLA NAS REDES SOCIAIS: ULTRAPASSANDO OS MUROS DA ESCOLA

“Jhuly, já ultrapassamos 600 curtidas”
(Diário de campo: 21/02/2015- Gabriel Mesquita)

“Joelina, conseguimos bater a meta, 700 curtidas”
(Conversa via whatsApp: 08/10/2015- Gabriel Mesquita)

As redes sociais se colocam como espaço expressivo e abrangente das relações mediatizadas dos jovens pesquisados. O fato do site de rede social facebook ser o preferido por esses jovens, para anunciar notícias aos seguidores e também por articular entre os membros da rádio e entre eles e seus seguidores processos de comunicação e socialização, colocou-o como um campo de observação fundamental para a análise do problema de pesquisa proposto nesta dissertação.

Dos vários envolvimento dos jovens com esta rede, algumas postagens são marcantes, como as enquetes para escolha de atividades culturais, anúncios de recrutamento de jovens para participarem do grupo da rádio, anúncios da programação da rádio no horário de intervalo, anúncios das atividades esportivas e culturais e chamadas para solicitação de músicas.

Por meio do facebook, comunicam-se e interagem a partir de interesses que lhes são comuns. Os membros participam enviando fotografias e vídeos das atividades realizadas pela rádio dentro do espaço escolar. O uso das ferramentas “compartilhar”, “comentar” e “curtir” é sempre visível nas postagens, tornando possível a promoção de comunicações, interações e relações estudantis neste espaço.

Meu interesse não se restringiu em conhecer o significado destas tecnologias para o cotidiano dos jovens, mas como essas mídias se desenhavam em seus modos de fazer rádio e

como se viam neste oceano de informações e passavam a flutuar, a navegar sobre ele, consolidando com isso mudanças em seus modos de produzir rádio. Ao responder a pergunta sobre o uso do facebook os jovens externam:

Olha, pra gente ficar mais próximo dos jovens e das pessoas adultas que nos seguem. Todo jovem da escola tem um celular e internet. Então ao abrir a pagina vai ver o que postamos e isso pode trazer eles até aqui na sala, falar com a gente. Nos conhecer pessoalmente e conversar. A página é pra divulgar o que fazemos e para pessoas nos conhecerem, a escola e a nossa rádio. (Matheus Guimarães. Entrevista 11/5/2015)

Foi porque a gente viu que a rádio estava crescendo muito, então a gente resolveu fazer uma página, até porque a gente já estava com outras parcerias com outras rádios, então eu junto com Matheus e Mesquita também criamos a página no facebook e começaram a divulgar, compartilhar música, informações, enquetes e depois disso a gente criou o canal no youtube porque a gente resolveu junto com o Thiago Santos fazer um programa de vídeo chamado Giro Semanal. O Giro Semanal é um programa de humor mas envolve música e com temas, exemplo: o segundo programa foi do dia dos namorados e isso começou a crescer e começamos a receber visitas e a rádio começou a ser conhecida por todas as escolas de Niterói, via internet. Então, as pessoas que viam, compartilhavam e então a rádio da escola começou a ser conhecida em vários lugares, em outras escola e por muitos jovens. (Hugo. Entrevista 25/5/2015)

Nós descobrimos que isso era legal para a rádio, pois hoje em dia a maioria das coisas são pela internet e por apps. Temos o nosso aplicativo, e temos a página no facebook, pois dá audiência. O que poderíamos informar na rádio, colocamos no facebook e no flanelógrafo da escola. Jovens querem é ouvir música, então buscamos as redes sociais para divulgar as notícias que falaríamos na rádio. (Ana Paula. Entrevista 28/08/2015)

Ampliar e facilitar a divulgação. Hoje em dia qualquer pessoa tem acesso a essas mídias. No facebook temos a nossa página com informações e atividades do CEAL e uma galeria de fotos que facilita uma pessoa que quer ter alguma informação sobre a escola e as suas atividades. Além de noticia sobre games, sobre Niterói e suas atra-

ções, avisos importantes etc. O canal youtube veio com a ideia da produção de vídeo. O app foi um meio de aproximar os alunos do CEAL com a escola, dando informações sobre a rádio (a equipe, função de cada um, etc.), também colocávamos o cardápio da semanal e agenda da escola e um galeria de fotos. (Gabriel Mesquita. Entrevista 25/5/2015)

As falas acima vão ao encontro do pensamento de Freire no livro *Extensão ou comunicação?*, quando aborda o uso das tecnologias para a transformação de uma realidade. Os jovens encontraram, nas redes sociais, espaço para divulgação de suas atividades, tornando mais visível o que eles produzem no espaço escolar. A escola é o espaço de referência para a potencialização das culturas juvenis e as redes sociais como promissoras as interações virtuais. Ao serem questionados sobre o uso das mídias digitais, os jovens respondem:

Ampliar e facilitar a divulgação. Hoje em dia qualquer pessoa tem acesso a essas mídias. No facebook temos a nossa página com informações e atividades do CEAL e uma galeria de fotos que facilita uma pessoa que quer ter alguma informação sobre a escola e as suas atividades. Além de notícia sobre games, sobre Niterói e suas atrações, avisos importantes etc. O canal youtube veio com a ideia da produção de vídeo. O app foi um meio de aproximar os alunos do CEAL com a escola, dando informações sobre a rádio (a equipe, função de cada um etc.), também colocávamos o cardápio da semanal e agenda da escola e uma galeria de fotos. (Gabriel Mesquita. Diário de campo: 25/05/2015)

A ideia de criação do app surgiu para divulgar as ações da rádio e da escola, por meio de um mecanismo de fácil acesso, interessante da juventude e grande abrangência, que ultrapassa os muros da escola. No início, não sabíamos como fazer, tínhamos apenas a vontade. Mas estudamos os sites de construção, como a Fábrica de Aplicativos, e conseguimos atingir o nosso objetivo. A partir do curso de web designer que fiz, eu fiz como trabalho final o app da rádio. Mas antes conversei com os meninos e eles aceitaram e falaram o que queria divulgar. (Mateus Guimarães: Diário de Campo: 21/02/2015)

O uso das mídias é compreendido como estratégias de comunicação pelo uso das tecnologias digitais para a propagação das atividades desenvolvidas no espaço escolar, com vistas à visibilidade do grupo e da escola. Ao lançar-se nas redes sociais, tornam público o que ocorriam dentro de um espaço privado e lhes dão visibilidade, possibilitam “mitar” dentro e fora da escola.

Adentrar estes espaços das redes digitais e manter-se nele é uma oportunidade de criar visibilidade, exercer o direito de ser visto e ouvido, construir experiências externadas ao local em que produzem rádio. São linguagens e códigos que passam a existir para esses jovens trazendo mudanças na forma de se colocar diante das situações vivenciadas no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desvela que há sinais de mudanças de paradigmas, com os jovens deixando de ser encarados como problemas para serem enxergados como sujeitos de direitos no espaço escolar. Encontra-se em curso uma “nova geração” com ideias, e vontade de fazer da escola um espaço de produções de culturas juvenis com o propósito de superar a visão do jovem como “problema social”.

Ficou claro, que os jovens utilizavam as redes sociais para promover suas ações dentro do espaço escolar e com isso fortalecer as redes de parcerias dentro e fora da escola. A ideia do “mitar”, neste sentido, apresentou-se enquanto ideia coletiva, pelo qual o grupo em suas potencialidades ia ganhando força para dar continuidade aos projetos coletivos.

A pesquisa desvelou também que sinais de mudanças de paradigmas, percebidos em especial pelos jovens que fazem parte do grupo da rádio, no qual os jovens deixam de ser encarados como problema e passam a se enxergar como sujeitos de direitos no espaço escolar e comunitário. Encontra-se em curso uma “geração estudantil participativa” com ideias e vontade de fazer da escola espaço de produções de culturas juvenis com o propósito de superar a visão do jovem como estigmatizada na categoria aluno, e sobretudo em mostrar-se protagonista.

Ao fazerem rádio na escola, além de contribuir para produzir sua própria expressão e comunicação com seus pares, os jovens contribuem para a formação de sujeitos ativos e críticos quanto ao seu próprio desenvolvimento e quanto à construção de seu conhecimento significativo e emancipador. Como afirma Freire (1977, p. 67), comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma na comunicação não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar comunicam seu conteúdo.

REFERENCIAS

BARBOSA, J.G.; HESS, R. **O Diário de Pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução Ana Goldberger. —São Paulo : Iluminuras, 2008.

CARRANO, Paulo. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, C. A.; PERES, S. O.; BRAGA, C. N.; CARDOSO, M. L.M. (Orgs.). **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio**. 1. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2011, v. , p. 34-49.

- DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p.1105-1128, out. 2007.
- _____. O jovem como sujeito social. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007b. p. 155-176.
- DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do Projeto de Pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14^o edição. Petrópolis, Vozes, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 992.
- _____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FLORES, Leonardo Siqueira. **A experiência da rádio: um meio e um discurso em destaque no ambiente escolar**. 2012. (Graduação em Comunicação Social) - Centro Universitário Geraldo Di Base da Fundação Educacional Rosemar Pimentel, Campus Volta Redonda, Rio de Janeiro, 2012.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GINZBURG, Carlo. Estranhamento: pré-história de um procedimento literário. In: GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.15-41.
- _____. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. In: GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 85-103.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013, 202p
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- _____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana** EDUSP, São Paulo, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14^o edição. Petrópolis, Vozes, 2006.
- OLIVEIRA, Roberto Oliveira de. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2000.
- VIANNA, Heraldo Merelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

ENTRE JOVENS DA PASTORAL DA JUVENTUDE CATÓLICA: EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E TRAJETÓRIAS POLÍTICAS

Luiz Fernando de Sousa Martilis

Resumo: O presente ensaio é parte de um estudo maior, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso, no qual, a partir de observação participante e entrevistas semiestruturadas com formato de depoimento oral, buscou-se discutir as possíveis contribuições da Religião Católica na construção e mobilização de identidades juvenis e militância política dos jovens da Pastoral da Juventude. O estudo teve a seguinte hipótese inicial: a formação e a mobilização experimentadas na Pastoral da Juventude - em seus encontros de grupos de jovens, eventos e demais atividades - contribuem para que jovens católicos iniciem e efetivem sua participação política em diferentes espaços de inserção social, entre os quais estão os Partidos Políticos.

Palavras chave: juventude; religião; pastoral da juventude; participação.

Abstract: This essay is part of a larger study, as work completion of course, in which, from participant observation and semi-structured interviews with oral testimony format, we attempted to discuss the possible contributions of the Catholic Religion in the construction and mobilization youth identities and political activism of young people in youth ministry. The study had the following initial hypothesis: training and mobilization experienced in youth ministry - in its meetings of youth groups, events and other activities - contribute to young Catholics start and effective their political participation in different areas of social inclusion, including the political parties are.

Keywords: youth; religion; youth ministry; participation.

INTRODUÇÃO

Entramos nesse milênio com a representação de juventude, propagada pela grande mídia e difundida pelo senso comum, mergulhada no hedonismo e no individualismo, distante e desinteressada de qualquer prática social e política (ALMEIDA, 2010). Porém, esta abordagem não leva em conta a experiência atual de diferentes segmentos e parcelas da juventude brasileira.

A prática de alguns jovens, articulados institucionalmente ou não, advindos principalmente das periferias das grandes cidades, questiona e contradiz a representação da juventude contemporânea vinculada simplesmente ao consumo e as notícias policiais. Neste sentido, as jornadas de junho de 2013 proporcionaram maior visibilidade a uma série de iniciativas: movimentos e coletivos ganharam as ruas apresentando agendas e rompendo a invisibilidade e aparente apatia que eram atribuídas aos jovens contemporâneos diante do cenário e das questões políticas atuais. Estas iniciativas concentravam-se nas periferias, pouco visíveis nos centros das grandes cidades e sem destaque das grandes mídias, todavia, em 2013 vieram para o centro e trouxeram consigo suas reivindicações (BAVA, 2015).

Entretanto, o trabalho de muitos desses movimentos e coletivos existe e resiste tem bastante tempo, possuindo uma trajetória reconhecida na formação e inserção social da juventude, como é o caso da Pastoral da Juventude.

A PJ, enquanto lócus desta pesquisa, por sua vez, é um movimento pastoral da Igreja Católica Apostólica Romana que atua na formação cristã dos jovens católicos. Articulada as chamadas “pastorais sociais”¹, a PJ surge em meados dos anos 70 como reflexo da postura da Igreja Católica pós-Concílio Vaticano II². A pesquisa foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas com participantes e ex-participantes da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Fortaleza, que possuem ou tiveram filiação partidária, a partir das suas experiências no âmbito religioso com a formação desenvolvida pela referida pastoral. O levantamento foi feito em redes sociais com apresentação da proposta da pesquisa nos grupos e páginas oficiais da PJ. Alguns participantes se apresentaram e outros foram indicados, os critérios da escolha se deram por disponibilidade e longevidade de participação na pastoral e filiação partidária.

Os entrevistados cujas falas são utilizadas nesse artigo são os seguintes:

José Nilson – 27 anos de idade, estudante de publicidade e propaganda. Trabalha como educador social ministrando formação política e social para adolescentes e jovens de escolas públicas. Participa da PJ há cinco anos. Sua militância política e social, além da PJ, se estende a um grupo de discussão sobre ecumenismo³, um cineclubes comunitário e itinerante, a coordenação de uma rede de jovens que articula representações de todo o nordeste do Brasil e o Partido dos Trabalhadores.

Walbert Sabino – 23 anos de idade, estudante de logística. Participa da PJ há 10 anos. É filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) há dois anos e integra o movimento Despertando Sonhos (DS) que é uma iniciativa caritativa de alunos de uma escola estadual.

Lucas Bezerra – 33 anos de idade, estudante de marketing. Trabalha como educador social, facilitando formações e oficinas para crianças e adolescentes voltadas para os direitos humanos e leitura escrita para jovens e adultos. Participa da PJ há 14 anos. É militante do Partido dos Trabalhadores (PT) desde 2004, tendo se filiado em 2006. É um dos desenvolvedores de um cineclubes itinerante e comunitário.

Silvia Maria – 36 anos de idade. Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará, atualmente doutoranda

1 “Pastorais Sociais, no plural, são serviços específicos a categorias de pessoas e/ou situações também específicas da realidade social. Constituem ações voltadas concretamente para os diferentes grupos ou diferentes facetas da exclusão social, tais como, por exemplo, a realidade do campo, da rua, do mundo do trabalho, da mobilidade humana, e assim por diante” (CNBB, 2001, p. 08).

2 O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII em 1961 e finalizado em 1965 no papado de Paulo VI. “Pode-se dizer que o 21º Concílio Ecumênico teve como base a renovação da autoconsciência da Igreja a partir da compreensão e do diálogo com o mundo moderno em contrapartida às condenações que marcaram o século XIX” (MARTILIS, 2014, p. 47-48).

3 Ecumenismo é o processo na busca por unidade. Do ponto de vista do cristianismo trata-se da busca da unidade entre as igrejas cristãs. Quando estão envolvidas outras religiões o processo de entendimento mútuo se chama diálogo inter-religioso. Disponível em: <<http://www.conic.org.br/cms/pagina-inicial>>. Acesso em: 13 set. 2014.

pela mesma instituição federal de ensino. Trabalha como professora em escola pública e faculdade privada. Não participa mais da Pastoral da Juventude, porém participou por quase 15 anos. Militou ativamente nos movimentos sociais ligados a juventude e igualdade racial. Foi militante ativa, também, no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) por cerca de cinco anos.

Ricardo Batista – 38 anos de idade, trabalha como representante comercial. Foi participante e militante da Pastoral da Juventude por nove anos, entre 1989 a 1998. Foi filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) durante seis anos, conciliando com o tempo no qual esteve na PJ. Em 1999 foi assessor político e posteriormente chefe de gabinete do prefeito eleito de Iguatu/CE durante seis anos. Foi militante na União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (UMES), exercia a função de chefe do posto de expedição das carteiras de estudantes da referida instituição.

Inicialmente trataremos de algumas visões acerca da juventude enquanto categoria social. Centralizaremos nossa análise nos autores que pensam as juventudes a partir das suas práticas e expressões de participação social dialogando com as experiências trazidas por alguns entrevistados - jovens católicos que participam ou já participaram da Pastoral da Juventude tendo filiação partidária - refletindo as comparações geracionais que comumente cercam essa discussão.

Posteriormente, analisaremos as percepções dos entrevistados sobre participação política na Pastoral da Juventude. Em concordância com alguns autores e insistindo em continuar dialogando com as experiências trazidas pelos entrevistados, reconheceremos a Pastoral da Juventude como um espaço que atua na formação política dos jovens católicos e favorece a participação política dos mesmos.

Por último, daremos ênfase aos depoimentos sobre a participação dos entrevistados em partidos políticos: o engajamento, as atividades desenvolvidas, o espaço efetivo de participação dos jovens dentro da estrutura do partido, os anseios de transformação social e a busca de cada vez mais espaço e incentivo da participação da juventude.

Juventude e participação.

Muitas das visões correntes acerca dos jovens, por meio de pesquisas e opiniões pessoais, afirmam que a juventude atual está mais preocupada com seus projetos individuais do que propriamente com causas coletivas:

Em contraste com seus pais, que queriam mudar o mundo, a próxima geração está mais interessada em melhorar a própria vida [...] os jovens de hoje não se interessam por qualquer tipo de manifestação social. Vivem para resolver seus projetos sociais. (ABRAMO, 1997, p. 134).

A busca por resolver problemas pessoais afastaria os jovens dos problemas sociais, havendo uma perda de sentido nas lutas coletivas. A referida autora reverbera que parece ser uma

tendência forte e constante nos discursos dos pais, professores e nos meios de comunicação a representação da juventude carregada de preconceitos e rótulos (GONÇALVES, 2009).

Porém, em determinadas circunstâncias, a rotulada alienação dos jovens sai de cena para a entrada de características destoantes. Apresenta-se aqui, uma dualidade positiva e negativa quanto à compreensão e atuação dos jovens no contexto social. Isso se deve ao fato de, aos jovens, ser atribuída à marca do movimento-mudança que podem promover inflexões na ordem social: “a categoria juventude tem como máxima o caráter da provisoriedade, ou seja, remete a uma fase onde os indivíduos desenvolvem principalmente o valor mudança”. (BARREIRA, 1999, p. 155). Em virtude de tal característica, e por vivermos em uma sociedade de massas, a juventude é sempre requisitada no centro de questões que exigem mobilização.

Se olharmos as grandes mobilizações ocorridas no século XX, perceberemos que quase todas contaram com a participação dos jovens. Na Alemanha, a juventude nazista foi um elemento importante para a implementação do projeto político de Hitler, assim como na Itália, com a juventude fascista que apoiou Mussolini. No caso dos países socialistas, havia um trabalho forte de pregação das ideias comunistas para a incorporação e manutenção da juventude comunista, a fim de se dar sustentação ao regime. As manifestações contra as guerras e contra as ditaduras latino-americanas também tiveram como marca a grande presença da juventude (GONÇALVES, 2009, p. 156).

Nesses momentos, a juventude é apresentada como renovação, transformação e passa a representar a fase da vida na qual as pessoas tem mais garra e acreditam na possibilidade de luta e nos ideais.

Há uma ideia bastante recorrente de que a juventude está sempre na vanguarda dos processos de mudança. [...] É, portanto, a juventude pela “energia, rebeldia e insurgência”, que percebe as contradições existentes na sociedade e que luta para resolvê-las. Por ser mais despojada em relação ao dinheiro e à acumulação de riquezas, é também mais livre e progressista do ponto de vista política, aceitando mais facilmente e inclusive lutando por uma melhor distribuição de riquezas, pelo bem comum e pelos projetos coletivos. (GONÇALVES, 2009, p. 157).

O entrevistado Lucas Bezerra corrobora tal pensamento:

É que a juventude ainda tem essa ânsia de mudança. A ânsia de mudança é uma das grandes forças que a juventude tem e a própria jovialidade ela é a maneira com que eles conseguem trabalhar com dinamicidade, com alegria, com as artes. Uma das coisas mais

fascinantes também é que a gente consegue trabalhar com as artes, grupos de capoeira, grupo de hip-hop, grafite, dança. (LUCAS BEZERRA).

Acerca da participação política da juventude na contemporaneidade, percebe-se um afastamento especialmente das práticas mais institucionalizadas e hierarquizadas. Em contrapartida outras estratégias mais horizontais de participação despertam o interesse e o engajamento da juventude: conselhos de juventude, redes sociais, fóruns, além de pautas políticas relacionadas com a consciência ecológica, geração de trabalho e renda, lazer, ação solidária e violência (ALMEIDA, 2010). A entrevistada Silvia Maria traz em uma das suas falas esse paralelo do engajamento social da juventude:

A juventude se diluiu em vários movimentos. Não é mais como antigamente que a gente tinha; o partido político, o movimento estudantil... Até na minha na época, na década de noventa, tinha os grupos culturais. Hoje, os grupos culturais, que na década de noventa foram muito fortes, estão diluídos em vários grupos. (SILVIA MARIA).

Novaes (2005) questiona alguns estudos contemporâneos que apresentam a participação juvenil horizontalmente – voltada para afirmação de identidades e questões globais – decretando a falência das formas clássicas de participação (movimento estudantil, juventudes partidárias e sindicais). Para a autora, em alguns casos, é comum que se separem as lutas mais urgentes das preocupações mais gerais com os rumos da sociedade. Dessa forma, “as lutas mais imediatas remeteriam aos novos parâmetros de participação social, enquanto preocupações mais estruturais com o sistema social seriam próprias de espaços tradicionais da política”. (NOVAES, 2005, p. 17). No entanto, reforça a supracitada autora, que muitos jovens combinam frentes de lutas específicas com debates sobre questões estruturais, em contrapartida, questões ambientais, posicionamentos sobre violência, desigualdade de gênero, raça e etnia estão presentes nas pautas do movimento estudantil, dos sindicatos, e partidos políticos.

Abramo (1997) ressalva que, no âmbito político institucional do Estado, ainda que haja programas e projetos voltados para a juventude, os jovens acabam não sendo ouvidos como sujeitos capazes de participar, pois sua opinião é vista como a de um sujeito externo e observador, com qualidade inferior das outras pessoas do meio. A própria burocratização do Estado, somada a elevada hierarquização e ao descrédito em meio a escândalos de corrupção, distanciam os jovens dos espaços institucionais, fazendo-os buscar novos canais de diálogo com o poder público para debater e propor políticas públicas para a juventude: nesse contexto ganham destaque os fóruns, Conselhos e Conferências (ALMEIDA, 2010).

Entretanto, devemos reconhecer que algumas estratégias estatais surgiram nos últimos anos no sentido de inclusão dos jovens na agenda dos governos e nas discussões que

visam elaboração de políticas públicas para a juventude, entre elas, políticas que visem estimular a maior participação dos jovens nas questões políticas do país (NOVAES, 2005). No final da década de 1990, surgiram as primeiras experiências com a implantação de secretarias e coordenadorias de juventude em algumas prefeituras. O ano de 2005 foi decisivo com a criação da Secretaria Nacional de Juventude, o Conselho Nacional de Juventude e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM).

A partir daquele momento, estava colocado o desafio de superar a ideia corrente de que programas e ações na área de juventude se justificam porque os/as jovens são “incompletos/as” ou “problemáticos/as” e, por isso mesmo, é preciso proteger e/ou controlar suas vidas. Estava patente a necessidade de encontrarem-se os melhores caminhos para transformar a juventude em específico “sujeitos de direitos” (já existentes e a conquistar). Tratava-se, portanto, de conquistar um lugar destacado e permanente para a juventude na agenda das políticas públicas do Estado brasileiro. (NOVAES, 2005, p. 14).

Gonçalves (2009) exacerba que os mais variados discursos, mesmo das pessoas que já estão no poder, direcionam-se para a possibilidade de transformação pensada com origem na atividade política. “Mesmo a atividade política sendo vista, muitas vezes, como espaço de atuação de pessoas inescrupulosas, há certo consenso de que não haverá mudança sem ela”. (GONÇALVES, 2009, p. 173). Essa ideia é veementemente defendida pela Pastoral da Juventude e está enraizada nos discursos dos entrevistados, como veremos a seguir.

Percepções acerca da participação política na Pastoral da Juventude.

Quanto à conceituação sobre participação política, os entrevistados apoiam-se num fazer político cotidiano, não necessariamente partidário, mas sim, enraizado na realidade da juventude que compreende sua comunidade. Pode-se perceber a influência da experiência e formação religiosa da PJ nos conceitos, apoiados em pressupostos defendidos pela Teologia da Libertação⁴.

Eu acredito que a politica é praticada no nosso cotidiano. Nessa conversa nossa aqui eu já estou fazendo politica, porque eu estou falando das coisas que eu acredito e sou livre para acreditar. Então, eu acho que às vezes a gente compreende a politica muito como politica partidária e não consegue compreender que a politica tá no nosso cotidiano. (JOSÉ NILSON).

A participação política é bem mais abrangente. É de você poder tra-

4 De maneira geral, a Teologia da Libertação é um movimento supra-denominacional, apartidário, inclusivo e ecumênico de teologia política, que engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de libertação das injustas condições econômicas, políticas ou sociais. Ela foi descrita, pelos seus proponentes como reinterpretação analítica e antropológica da fé cristã, em vista dos problemas sociais. É um novo jeito de se fazer teologia, novo jeito de olhar para Deus e para a sociedade. (AUN, 2014, p. 13).

balhar como voluntário na escola, no seu bairro, na associação comunitária. Que você possa estar dando formações, participando do CEO da igreja, dos movimentos da igreja, muito mais além do que a própria política em si. (LUCAS BEZERRA).

O discurso dos entrevistados reproduz as propostas da PJ no sentido de mobilização da juventude católica, ao contrário da visão que a juventude contemporânea não se organiza e não participa politicamente. Os entrevistados compreendem a realidade concreta como espaço propício de participação política e a Pastoral da Juventude como uma possibilidade formadora para tal atuação participação.

A variável religião possui intensa influência na constituição da identidade dos jovens contemporâneos, inclusive no que diz respeito à compreensão da categoria política e da participação política dos mesmos (SOFIATI, 2012). Tal influência se dá devido à “dilatação das fronteiras entre os campos políticos e religiosos”⁵.

As articulações entre juventude, religião e política não formam uma síntese, nem mesmo se sobrepõem, [...] as interconexões desses campos são permeadas por processos de (re)significação e reordenamento diante das representações construídas pelos sujeitos e instituições envolvidos. (PÁTARO E MEZZOMO, p. 3).

Ao discorrer sobre a melhor conduta metodológica para analisar as interfaces entre religião, juventude e participação sócio-política, Fernandes (2007) coloca que se deve abandonar o pressuposto da apatia dos jovens e voltar-se para o estudo da religião como geradora de sentido para as questões sociais e políticas. Burity (2001) enfatiza que não se busca ratificar um retorno da religião ao espaço público, mas, sim, as possibilidades de rearticulações entre dimensões (religiosa e política) que nunca tiveram sua ligação definitivamente desconectada, porém, sucessivamente reordenado.

Sofiati (2012) defende que a juventude brasileira teve diversas formas de se organizar ao longo do século XX e entrou no século XXI predominantemente articulada em torno das igrejas, principalmente católicas e protestantes. Para o referido autor, a juventude se aventura na religião em busca da construção/reconstrução da identidade e do projeto de vida.

Em consonância com os autores citados, o entrevistado José Nilson evidencia que a participação política faz parte do Processo de Educação na Fé da PJ. Este processo formativo acontece nos encontros e eventos da Pastoral da Juventude e consiste em incentivar e formar os participantes da PJ para interpretarem melhor a realidade na qual vivem e terem condições de contribuir para a sua transformação.

⁵ O retrato da dilatação da fronteira entre os campos políticos e religiosos pode ser visto a cada nova eleição quando podemos assistir cada vez mais candidatos a cargos públicos que reivindicam e afirmam sua condição de agentes ou líderes religiosos, expondo abertamente os seus vínculos em busca do apoio dos seus: “irmão vota em irmão” (PÁTARO E MEZZOMO, p. 3), dando origem as bancadas religiosas.

A participação política na PJ faz parte do caminho. Não é uma coisa imposta, não é uma lei. Não tem um documento escrito que o jovem tem que ter participação política, mas faz parte do nosso caminho, desse Processo de Educação na Fé que a gente fala. [...] A participação política é uma etapa de formação. Todos os jovens despertam pra isso? Não, nem todos. Mas a grande maioria sim. A grande maioria dos jovens que atuam na Pastoral da Juventude desperta para isso nessa parte do processo de formação. Eles acordam para uma vida política, partidária, social. Transformar a vida do outro e transformar a sociedade para que todos tenham vida plena e em abundância. (JOSÉ NILSON).

Os entrevistados no presente trabalho acreditam a experiência religiosa obtida na Pastoral da Juventude deu-lhes a formação necessária que os incentivou e impulsionou à participação social e ao engajamento político-partidário, como podemos conferir nos depoimentos adiante.

Eu acho que através da formação e desses eventos como o DNJ (Dia Nacional da Juventude). Porque esses eventos como DNJ, Semana da Cidadania, fazem discussões sobre os problemas sociais. Aqueles livrinhos que tinham dos encontros faziam com que os grupos de jovens discutissem esses problemas sociais e isso fazia com que esses jovens acordassem para esses problemas e conseqüentemente, um ou outro, não todos, se engajavam nesses movimentos. Eu acho que esses eventos e a formação faziam com que os jovens, pelo menos os jovens da minha época, se engajassem nos movimentos. (SILVIA MARIA).

Acontecem as formações de participação política de várias maneiras, não só participação política partidária, mas a participação política cidadã que aí o jovem pode estar participando do grêmio na escola, do próprio grupo de jovens na igreja, através do conselho gestor escolar, da associação comunitária, das ONGs, das organizações sem fins lucrativos. Que eles possam estar participando desses espaços. São espaços de reivindicação de direitos e aí se (pausa) para os jovens for legal, eles quiserem participar da militância política partidária também, a gente procura trazer os partidos pra darem formações, dizer como acontece, fazer análise de conjuntura política, discutir fé e política, baseada nessa questão do contexto bíblico e que Jesus Cristo foi um grande ser político, de mudança daquela realidade e peitou de frente vários sistemas daquela época; sistema econômico, sistema religioso. Até o próprio sistema judiciário daquela época. (LUCAS BEZERRA).

Eu entrei no PT muito por influência da Pastoral da Juventude. É... No Processo de Educação na Fé da PJ, em determinado momento a gente desperta para atuação política... Para atuação política, não necessariamente partidária. Para atuação em sindicato, atuação na liderança comunitária, associações comunitárias. Eu, especificamente, despertei para atuação político-partidária depois de dois anos que eu estava na PJ. Eu comecei a me aproximar do Partido dos Trabalhadores e eu acredito que a PJ tenha me levado a essa participação política, porque em determinado momento da nossa atuação pastoral a gente percebe que a transformação que a gente consegue fazer através do trabalho pastoral é muito pouco para mudar o mundo que a gente tem. Então, os partidos políticos acabam sendo essa atuação política fora da PJ, acaba sendo uma válvula de escape. (JOSÉ NILSON).

Percebe-se nas falas dos entrevistados que a formação da PJ e as discussões nas reuniões se voltam para o incentivo de uma participação social para além do espaço eclesial e que não se restrinja especificamente aos partidos políticos. Abrem-se as possibilidades para atuação dos jovens participantes nos mais variados espaços, principalmente quando existe a convergência com o projeto social da PJ, embasado no evangelho de Jesus Cristo.

O entrevistado Ricardo Batista apresenta uma importante questão, quando demonstra preocupação com a influência demasiada que os partidos políticos podem ter nos grupos da PJ, principalmente o Partido dos Trabalhadores (PT). O entrevistado alerta para o número massivo de participantes da PJ que militaram, militam ou simpatizam com o PT e que, invariavelmente, traziam/trazem as prerrogativas do partido para o espaço eclesial da PJ.

No nosso tempo a PJ tinha que ser a luz na política. Ela teria que ser a motivadora e a construtora de novos sonhos políticos, de uma realidade política diferenciada, mais voltada para o povo. O que aconteceu, felizmente, ou infelizmente, não sei bem como retratar isso, foi que essa luz da pastoral, voltada para o espírito coletivo do povo, a preocupação com o povo, tornou-se uma coisa chamada política partidária. Por quê? Porque, para ser do povo e ter cuidado do povo tem que ser do PT! Se você tivesse uma ideia diferente você não era a favor do povo, você só era a favor do povo, se você fosse do Partido dos Trabalhadores. [...] A juventude tem que participar da política seja ela partidária ou não, mas como símbolo de Jesus, como identidade de Cristo lá dentro! Não como identidade do partido A, B, C, D, Y, Z... Mas com a identidade da Pastoral da Juventude e a identidade da Pastoral da Juventude não é partido. (RICARDO BATISTA).

O entrevistado Walbert Sabino, por sua vez, enfatiza que a Pastoral da Juventude é apartidária, mesmo reconhecendo a adesão maciça dos jovens da PJ ao Partido dos Trabalhadores. O referido entrevistado esclarece que a escolha do jovem da PJ em filiar-se a um

partido político se dá a partir da identificação com o mesmo, colocando-se como exemplo. (Walbert Sabino é filiado ao PSOL).

O grupo pastoral não é partidário, não tem um partido específico. Ah você tem que ser do PSDB, PSOL, tem que ser do PT! Enfim, ela não tem! Isso nasce em você, essa questão. Então, um partido é algo que você se identifica. Eu poderia muito bem estar dentro do PT, que tem uma forte influência dentro de pastorais, mas não, algo que me identificou foi o PSOL. Mas muitas pessoas são do PT, enfim, são de partidos diferentes, mas por que elas se identificaram, utilizam da sua militância religiosa para ocupar outro espaço. (WALBERT SABINO).

De maneira geral, podemos perceber que existe um esforço da Pastoral da Juventude em discutir participação política nos encontros e eventos dos seus grupos de jovens. E essas discussões possuem um caráter formativo, que visa auxiliar os participantes a entenderem melhor a sua realidade e analisar formas de inserção social que lhes possibilitem efetivar transformações nos seus respectivos contextos sociais.

O Processo de Educação na Fé consegue alinhar os discursos e as percepções de grande parte dos participantes (como ressaltam alguns entrevistados, nem todos seguem para a militância em movimentos sociais ou partidos políticos), no sentido de que possam compreender a política e a participação política como ferramentas cotidianas de transformação, tendo isso, a inserção em movimentos sociais e a filiação em partidos políticos, consequentemente, se apresentam como alternativas bastante plausíveis para os jovens cristão participantes da PJ.

Iremos discutir melhor a participação dos jovens da Pastoral da Juventude nos partidos políticos, buscando compreender as motivações, as práticas e as relações que fazem entre a sua participação no âmbito religioso da pastoral e no institucional do partido.

A PARTICIPAÇÃO PARTIDÁRIA DOS JOVENS DA PJ⁶.

O Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado em 1980 em meio ao conturbado contexto da ditadura militar brasileira. Liderado pelo líder sindical Luiz Inácio da Silva, o “Lula” – que mais tarde se tornaria presidente da República Federativa do Brasil –, o PT nasceu com o intuito de representar os “trabalhadores e trabalhadoras da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais, artistas que almejavam um instrumento de representação para promover profundas alterações nos destinos de suas histórias e da sociedade brasileira pela via

6 Atentemo-nos a analisar a participação dentro dos partidos políticos nos quais se evidenciaram experiências entre os jovens da Pastoral da Juventude: Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e Partidos Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU).

democrática”⁷. Nas eleições de 2010 o PT conseguiu eleger a primeira presidenta da história do Brasil: Dilma Rousseff⁸.

Os entrevistados Lucas Bezerra e José Nilson discorrem acerca da organização do PT para acolher os participantes e filiados em zonais espalhados pela cidade. Dessa forma, pessoas que residem próximas participam das reuniões e debatem sua realidade em específico.

A gente faz a filiação e lá dentro você participa das coisas, por exemplo, eu participo como Secretário do Zonal. A minha zona é a 112, na Messejana (Periferia de Fortaleza/CE). A gente se reúne mensalmente e procura trabalhar o projeto político: são as propostas, as teses dentro do partido. Discutir a maneira que a gente quer governar a cidade, o estado e a partir de que propostas, de que projeto político. (LUCAS BEZERRA).

O PT é organizado em zonais, como se fossem a base do PT, que são nos bairros, nas comunidades. Ele tem a executiva municipal, que é o espaço de decisão do município, e tem a executiva estadual. As três instâncias são independentes, uma não depende da outra pra decidir as coisas. (JOSÉ NILSON).

O entrevistado Walbet Sabino expõe um pouco da didática que vivencia no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Segundo relatos do entrevistado, o referido partido privilegia o diálogo comunitário para o debate de propostas políticas, sendo os jovens seus principais alvos na busca por novos filiados:

Existem núcleos dentro do PSOL. O PSOL-Fortaleza, o PSOL-Maracanaú, o PSOL-Caucaia... Dentro do PSOL-Maracanaú, eu faço parte do PSOL-Maracanaú, existem algumas reuniões de formação política. Algumas pessoas ficam para dar determinada formação sobre determinado pensador, sobre determinado assunto e esses encontros são de formação política, serve tanto para o coletivo quanto individualmente. E, a partir, desses pensamentos, dessas formações a gente busca fazer atividades. Por exemplo, dentro de Maracanaú existem várias empresas que poluem o ar, que causam várias doenças, malefícios para o povo. Aí a gente sempre se reúne com o povo exatamente para mostrar que aquela empresa ali é que está causando tudo isso. A gente já levou pessoas especializadas na questão do meio ambiente, como o João Alfredo que é do PSOL também, exatamente para ter essa conscientização social. (WALBERT SABINO).

7 Disponível em: <<https://www.pt.org.br/institucional/#>>. Acesso em 31 ago. 2014.

8 Atualmente, o PT tem mais de um milhão e setecentos mil filiados e está organizado em mais de cinco mil municípios brasileiros. O PT é o único partido no Brasil que realiza eleições diretas para todos os cargos da direção partidária, em todos os níveis – municipal, estadual e federal - através do Processo de Eleições Diretas (PED), que ocorre a cada quatro anos. Disponível em: <<https://www.pt.org.br/institucional/#>>. Acesso em 31 ago. 2014

O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) surgiu de membros dissidentes do PT descontentes com a postura política assumida pelo partido durante o governo Lula.⁹ Julgando não haver um partido que representasse os interesses socialistas democráticos de esquerda, os referidos parlamentares iniciaram um movimento nacional e conseguiram quase 500 mil assinaturas a favor da fundação do PSOL. Em setembro de 2005 o registro permanente junto a Justiça Eleitoral foi obtido. “Hoje, nove anos após a sua fundação, o PSOL se destaca no cenário nacional por ser um partido coerente, ético, combativo e de esquerda”¹⁰.

O PSOL figura atualmente como uma segunda força quando falamos de identificação e filiação partidária dentro da PJ. É crescente o número de jovens participantes da Pastoral da Juventude que buscam aproximação com o referido partido. O crescimento da adesão ao PSOL entre os jovens da PJ tem gerado alguns debates interessantes nos eventos e encontros da pastoral. A postura política do PSOL, em oposição ao governo federal petista, gera uma curiosa discordância política entre os adeptos de cada partido na PJ. Discordam veementemente em relação a algumas práticas políticas e decisões partidárias, entretanto, os discursos assemelham-se bastante no horizonte político desejável para o país, que é de justiça social e prioridade para os pobres e oprimidos.

O entrevistado Walbert Sabino expõe o receio de ter sua atividade pastoral influenciada pela militância específica no PSOL. O referido entrevistado declara compreender bem a separação das duas atuações, da mesma forma que compreende a importância de um eventual engajamento político dos jovens da PJ. Portanto, busca motivar os jovens à participação político-partidária sem direcionar a nenhum partido especificamente.

Eu tenho muito medo de confundir as coisas, dos jovens confundirem as coisas, deles me enxergarem como militante do PSOL e como coordenador de Pastoral da Juventude ao mesmo tempo, porque são duas atividades distintas, entendeu?! Eu não quero, dentro da pastoral, influenciá-los a seguir o meu partido. Mas eu quero que eles, dentro da pastoral, se conscientizem e vejam que é necessária uma participação política dentro de um partido. (WALBERT SABINO).

A entrevistada Silvia Maria, a partir da experiência que teve no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU)¹¹ nos anos 1990, aponta a afetividade como linha que demarca o limite diferencial entre a atuação pastoral e a ação político-partidária.

9 Uma parte significativa de seus militantes estava descontente com os rumos do governo, pois sinalizava, a cada dia, o abandono do socialismo como horizonte estratégico e a defesa de projetos prejudiciais ao povo brasileiro. O estopim foi a aprovação da Reforma da Previdência do setor público. Este nefasto projeto, sempre combatido pelo PT quando era oposição ao governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), foi imposto pelo governo Lula como uma de suas prioridades. A então senadora Heloísa Helena e os então deputados federais Luciana Genro, Babá e João Fontes foram expulsos do PT por irem contra a orientação do governo e votarem a favor do povo brasileiro. Disponível em: <<http://psol50.org.br/site/paginas/1/nossa-historia>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

10 Disponível em: <<http://psol50.org.br/site/paginas/1/nossa-historia>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

11 O Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados-PSTU foi fundado em 5 de junho de 1994, unificando diferentes organizações, grupos e ativistas independentes. A maioria dos que fundaram o PSTU veio de uma ruptura da corrente Convergência Socialista com o Partido dos Trabalhadores (PT). A Convergência Socialista considerava que esse partido não era mais uma alternativa estratégica para a construção de uma direção revolucionária no Brasil. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/partido?identificacao=7796>>. Acesso em: 15 set. 2014.

Tem uma coisa que é a questão do afeto. Eu acho que no partido político era aquela coisa bem bolchevique: você reunia, discutia... Eu podia não gostar de você, mas eu estava no mesmo núcleo que você, eu ia pra luta do mesmo jeito com você. Eu não gosto de você, mas eu ia porque o mais importante não era a amizade, era a luta. Na Pastoral da Juventude, o que vem em primeiro lugar é o grupo de amigos. Você primeiro se torna amigo lá do pessoal do grupo, para depois entender que esse grupo é religioso, que esse grupo tem uma função naquela paróquia, naquela comunidade. Então, acho que a principal diferença é a questão da afetividade, entendeu?! As pessoas entram no grupo de jovens por conta disso, por conta da afetividade. Não é por conta da religião não, por conta da afetividade e a religião vem depois. (SILVIA MARIA).

O entrevistado Ricardo Batista assevera que os jovens da PJ devem buscar um engajamento político-partidário, acima de tudo, representando as preocupações da realidade do povo oprimido. Para o citado entrevistado, o bem-estar da população tem que ser posto à frente dos interesses do próprio partido. Os jovens filiados aos partidos políticos devem ser portadores e defensores da mensagem de Jesus Cristo nos seus respectivos partidos. Para o citado entrevistado, a prática de Jesus é a chave para a construção de uma sociedade mais igualitária, como expõe:

A grande diferença hoje seria a serenidade da vida. Sabe por quê? Porque quando você conhece e vivencia os momentos de encontro de Jesus e consegue levar isso pra dentro de um partido, pra dentro de uma política, você consegue colocar para a juventude: eu estou mais interessado que o povo seja bem atendido do que um partido faça quatro ou cinco candidatos. Meu interesse é que o povo possa participar abertamente das discussões e venha para as discussões à luz do evangelho: pronto, coisa muito simples. Aspas, coisa muito difícil! Mas tem que levar, tem proclamar esse evangelho. Como é que vai falar de reino de Deus? Como é que você abre a boca pra falar em reino de Deus se você não tem coragem de anunciar, no meio que você vive, que existe esse reino e que esse reino é a partir da proclamação do evangelho, que esse reino é feito aqui na Terra, de cada um de nós dando os seus passinhos devagar. (RICARDO BATISTA).

O entrevistado Lucas Bezerra define como uma luta contínua a busca de espaço e credibilidade para a participação dos jovens no PT. José Nilson reforça as iniciativas do referido partido no sentido de garantir um percentual de jovens disputando eleições.

Tem espaço de participação, agora a gente está cada vez mais lutando por espaço de participação efetiva da juventude dentro do partido. Por exemplo, agora a gente tem as cotas dentro do partido para as mulheres, cota para jovens, cota para negros. (LUCAS BEZERRA).

No PT tem cota para jovens nos seus quadros, 30% do seu quadro têm que ser jovens e mulheres. E o PT é protagonista nisso, em colocar essas cotas. Tem que avançar? Temos! Mas hoje eu vejo que os partidos estão muito mais abertos à juventude e ao que a juventude acredita. Tem muitos entraves? Muitos! Muitos entraves. (JOSÉ NILSON).

Lucas Bezerra chama de “participação efetiva” o horizonte ideal do engajamento político-partidário onde o partido estaria mais aberto às candidaturas que representassem efetivamente as camadas populares em sobreposição às candidaturas milionárias de agentes políticos que representam apenas interesses das elites.

Seria justamente a gente ter direito a voz e vez dentro do partido e poder se candidatar também, mesmo sendo pobre, mesmo sendo negro, mesmo sendo mulher, mesmo sendo homoafetivo. Poder se candidatar, de ter cota pra essas pessoas. Para que sempre não se candidate aquela figura das pessoas que são mais abastadas, tem o poder econômico maior, branquinho... (risos). (LUCAS BEZERRA).

O referido entrevistado faz, inclusive, um paralelo entre as lideranças dos partidos políticos com as lideranças que conduzem as instâncias da Igreja Católica. Apontando nos referidos cargos a maciça ocupação de pessoas de classes sociais mais abastadas através, principalmente, da imposição dos recursos financeiros que dispõem.

A gente luta contra isso todos os dias dentro do partido, acho que não só nos partidos, mas dentro da própria igreja. Quem participa dos conselhos na igreja geralmente é a classe média de dentro das comunidades. Acaba sendo quem às vezes tem mais tempo, tem mais acesso à grana e não é o marginalizado, o povo da rua. Jesus Cristo andava... Até as adúlteras, era com quem ele andava ali, os jovens, o trabalhador, o pescador... Todos os dias a gente tenta lutar contra isso, dentro do partido, dentro da pastoral, dentro do movimento social. (LUCAS BEZERRA).

Ademais, mesmo reconhecendo o campo político-partidário como um espaço em ininterrupta construção para acolher os anseios e as propostas da juventude, os entrevistados reconhecem que somente através da participação político-partidária podem-se almejar verdadeiras transformações sociais e políticas.

Os partidos políticos são instrumentos para a gente falar do que acredita para mais gente e, a partir, do que a gente acredita fazer as transformações que a gente acha que deve ser feita. [...] Eu acredito que a participação partidária seja hoje um dos únicos instrumentos de transformação concreta da sociedade. Se você quiser transformar a sociedade concretamente, você tem que ter uma atuação partidária, na minha visão. (JOSÉ NILSON).

Os entrevistados reverberam nos seus discursos a esperança de transformar as desigualdades e injustiças da sociedade em que vivem através, principalmente da formação religiosa católica, que apresenta como exemplo de perfil político as ações de Jesus Cristo no seu contexto histórico de disparidade social; do protagonismo social dos pobres, portadores da capacidade de reivindicação no sentido da promoção de sua própria libertação; e da inserção político-partidária, que eleva ao campo político os anseios e necessidades da camada mais carente da sociedade.

CONCLUSÕES

Podemos perceber a relação próxima entre a participação político-religiosa exercida pelas pastorais sociais – no caso aqui representada pela Pastoral da Juventude – com a participação e filiação partidária. Não é incomum encontrarmos integrantes e políticos renomados dos grandes partidos de esquerda que tiveram experiências e formação nas CEBs ou nas pastorais sociais, ou ainda, simpatizem com as concepções das mesmas e da Teologia da Libertação.

A identificação de bandeiras de lutas também aproximam as alas progressistas da Igreja Católica dos partidos ditos de esquerda, com algumas divergências em questões pontuais e mais polêmicas (como casamento homossexual, legalização do aborto e da maconha, por exemplo). Através dos discursos dos entrevistados percebemos que a Pastoral da Juventude – e parece ser uma tendência seguida por todas as outras pastorais sociais – não acompanha alguns posicionamentos mais rígidos da Igreja Católica, ao contrário, abre-se o debate sobre temas polêmicos e deixa-se que os jovens assumam suas próprias conclusões, mediadas pelos princípios de amor, justiça e igualdade difundidos por Jesus Cristo. A abertura e o diálogo em grupo sobre temáticas sociais, articuladas a visão religiosa católica fundamentada na Teologia da Libertação, aproximam e favorecem o engajamento dos jovens em movimentos sociais e partidos políticos.

Através das experiências relatadas pelos entrevistados, jovens católicos que possuem ou tiveram filiação partidária, temos uma persistente contribuição da Religião Católica na construção e mobilização de identidades juvenis e militância política dos jovens da Pastoral da Juventude. A formação e a mobilização experimentadas na Pastoral da Juventude - em seus encontros de grupos de jovens, eventos e demais atividades - contribuem para que jo-

vens católicos iniciem e efetivem sua participação política em diferentes espaços de inserção social, entre os quais estão os Partidos Políticos.

Por último, lembramos que a Pastoral da Juventude precisa do engajamento político dos seus jovens – principalmente os que se encontram com maior tempo de participação, em estágio de formação mais avançado – para a defesa veemente dos seus projetos e ideias em espaços legítimos de decisão na sociedade. Ou seja, é necessário que haja membros da PJ em partidos políticos, conselhos e outros instrumentos de participação social, onde os jovens possam representar a proposta de sociedade difundida pela referida pastoral e que mais adiante consigam legislar no sentido de torná-las concretas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. 5/6, p. 25-36, maio/dez. 1997. Especial: juventude e contemporaneidade.

ALMEIDA, Renato Souza de. Novos canais de participação juvenil no Brasil contemporâneo. In: SILVA, Lourival Rodrigues da; DICK, Hilário (Org.). *Visibilidades juvenis*. 1ª. Ed. Goiânia: Casa da Juventude Pe. Burnier, 2010.

AUN, Samira Alves. As influências da teologia da libertação na contemporaneidade. 2014. 118 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2014. [Orientador: Prof.^a Dr.^a Terezinha de Fátima Rodrigues].

BARREIRA, César (Coord.). *Ligado na galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília: Edições UNESCO Brasil, 1999.

BARREIRA, Irllys; BARREIRA, César. (Org.). *A juventude e suas expressões plurais*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BAVA, Silvio Caccia. Novos atores em cena. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 8, n. 92, mar. 2015.

BURITY, Joanildo. Religião e Política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. 2001. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/t_burity.htm>. Acesso em: 24 set. 2014.

CNBB. *O que é Pastoral Social? (Cartilhas de Pastoral Social nº 1)*. Brasília: Edições CNBB, 2001.

FERNANDES, Sílvia Regina. Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política? *Seropédica*. Rio de Janeiro: EDUR, v. 29, n. 2, p. 152-165, jul./dez., 2007.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. Jovens em campanhas eleitorais: o que a presença deles sinaliza. In: BARREIRA, Irllys; BARREIRA, César. (Org.). *A juventude e suas expressões plurais*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

MARTILIS, Luiz Fernando de Sousa. A Religião Católica como mobilizadora política da juventude: um estudo sobre a Pastoral da Juventude. 2014. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. . [Orientadora: Prof.^a Ms.^a Moíza Sibéria Silva de Medeiros].

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadão: rede de jovens e participação política. *Juventude e Contemporaneidade Revista Brasileira e Educação*, São Paulo, n. 5/6, 1997, p. 134-150.

NOVAES, Regina; VITAL, Christina. A juventude de hoje: (re) invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. (Org.). *Associando-se a juventude para construir o futuro*. São Paulo: Peirópolis, 2005.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 263-290.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. s.d. (sem data). Juventude, Religião e Política: compreensão das representações político-religiosas na campanha eleitoral em Campo Mourão. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/508/339>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

PEIXOTO, Irapuã. A juventude como “oposição”: algumas estratégias de ser independente. In: BARREIRA, Irllys; BARREIRA, César. (Org.). *A juventude e suas expressões plurais*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO: O SENTIDO DO PROTAGONISMO NA VIDA DOS ADOLESCENTES E JOVENS

Patricia Machado Vieira
pativieira.ajs@gmail.com
CAp/UFRGS

O presente artigo foi elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Adolescência e Juventude da Universidade Católica de Brasília, sob orientação da professora Ma. Vanildes Gonçalves dos Santos, e busca compreender qual sentido o exercício do protagonismo, por meio de uma experiência de voluntariado, tem na vida de adolescentes e jovens.

O projeto de voluntariado onde a pesquisa foi desenvolvida – denominado Animação Missionária Juvenil (AMJ) – foi organizado e realizado pelas obras – colégios, paróquias, instituições assistenciais – salesianas¹ do Sul do Brasil, e possibilita uma experiência de trabalho missionário em uma comunidade carente. Em 2012, foram realizadas três AMJ's, uma em cada estado do Sul, reunindo ao todo 98 adolescentes e jovens. Os quais estão, de alguma forma, vinculados a alguma comunidade educativa salesiana. As cidades que sediaram o projeto em 2012 foram Bagé – RS, Joinville – SC e Curitiba – PR; realizado em bairros periféricos.

A partir das experiências e da pesquisa, tenho como desafio neste trabalho, buscar respostas para a seguinte pergunta: **Qual sentido é atribuído pelos adolescentes às ações que os tornam protagonistas de um projeto e de suas próprias vidas?** E como objetivo geral, refletir sobre os sentidos atribuídos, pelos adolescentes e jovens, à experiência de voluntariado e protagonismo.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Durante minha escolarização participei de grupos juvenis e inúmeras experiências voluntárias e missionárias que me constituíram como sujeito político e social que sou. Posteriormente vieram as experiências acadêmicas como estudantes de Pedagogia² que me levaram a refletir de maneira embasada e ampla sobre essas práticas sociais. Para a presente análise cabe destacar uma das experiências missionárias que tive. No ano de 2011, após a minha formatura na graduação, fui convidada para pensar um projeto novo de voluntariado, voltado apenas para adolescentes. Organizamos uma experiência, que chamamos, piloto na cidade de Guarapuava/PR em julho de 2011.

1 As obras salesianas são instituições mantidas e administradas pelos religiosos católicos da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco.

2 Cursei Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre 2007 e 2011.

Uma experiência com aproximadamente quarenta participantes, onde os jovens³ com mais caminhada pastoral e de voluntariado, como eu, ajudaram a coordenar, para que os adolescentes vivenciassem a experiência de serem missionários e fazer um encontro com a realidade e consigo mesmos. Observando os resultados positivos da experiência, decidi-me então realizar em julho de 2012 uma experiência de Ação Missionária Juvenil nos três estados do Sul do Brasil, na mesma modalidade vivenciada em 2011.

Foram escolhidas as cidades a realizar-se e ampliou-se a equipe para acompanhar o projeto nos três estados. Nesse mesmo período, foi solicitado no Curso de Especialização em Adolescência e Juventude, da Universidade Católica de Brasília, o qual eu cursava, que fizéssemos um pré projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão. Pensei na grande possibilidade que se apresentava, unir o acadêmico com a minha prática pastoral, pensar academicamente os sentidos daquilo que estava propondo aos adolescentes.

Pensando no objetivo que me norteou na pesquisa, elaborei um questionário com quatro perguntas, baseadas em quatro eixos que considero como bases da proposta: Sentido da experiência, Projeto de vida, Vivência em grupo e, Acompanhamento/Assessoria.

Os questionários foram respondidos no último dia do projeto, como forma de síntese da experiência vivida. E além dos dados coletados com os questionários, tenho também a experiência acumulada na minha vivência no projeto de 2011 e na Ação Missionária realizada em Bagé/RS, das quais participei como membro da equipe de coordenação.

A partir das coletas realizadas realizei uma tabulação dos dados e a opção por alguns recortes, para que se tornasse possível a reflexão sobre a experiência vivenciada pelos adolescentes.

O primeiro recorte diz respeito a idade. Optei por analisar apenas os questionários preenchidos por sujeitos entre 15 e 18 anos, que são o público preferencial desse projeto, e que para fins de políticas públicas são considerados na intersecção entre a adolescência e a juventude. Sendo assim, enquadraram-se nesse recorte, apenas 79 dos 98 questionários. Outra opção metodológica foi tomar como centro da análise as respostas à primeira pergunta, “Qual o sentido que a participação na AMJ tem na sua vida?”, utilizando as demais respostas para construir o contexto, e completar o cenário das análises.

TEORIAS E OUTROS ESCRITOS

Acredito que o pesquisador não fala apenas por si, ele trás consigo muito daquilo que vivenciou, leu e apreendeu da caminhada. Este trabalho não é diferente. Além de ser fruto de muitas vivências e leituras, também busca fundamentar-se em autores e pesquisadores que discutem temáticas como adolescência, juventude, voluntariado, etc.

3 O presente trabalho leva em consideração as questões de gênero, no entanto fez-se a opção de usar apenas o masculino durante a escrita para tornar a leitura mais fluida.

O conceito de juventude, não está apenas ligado a uma categoria etária, que pode variar. Atualmente, no Brasil, considera-se jovem todo aquele que se encontra na categoria sócio-demográfica entre 15 e 29 anos⁴. A faixa etária é uma estimativa importante para delimitar as fases da adolescência e juventude, principalmente para a construção de Políticas Públicas que contemplem as necessidades específicas desses sujeitos.

No entanto, considerar adolescência e juventude apenas como categorias etárias é negar todos os outros fatores sociais, culturais e relacionais envolvidos nos ser adolescente e ser jovem. Por vivermos em uma sociedade quase sem ritos de passagem e onde os papéis sociais de uns e outros se confundem, é perigoso delimitar adolescência e juventude apenas como iniciando e terminado em idades estanques. Como destaca Melucci (1997, p. 9), “na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural”.

Entendo juventude como uma construção social, histórica, cultural e relacional, que não é possível de ser compreendida se não por meio da observação do contexto – tempo e espaço – e uma sociedade onde está inserida. Percebendo assim, que não há apenas uma juventude, uma massa única de sujeitos, mas que a juventude se constitui de diversos arranjos sociais, culturais e territoriais que se afinam entre sujeitos jovens (DICK, 2003). Sendo assim, não é possível falar em uma única juventude, é fundamental que falemos em juventudes, no plural (CARRANO, 2000).

Algumas características são inerentes a todos os adolescentes e jovens, segundo Alberto Melucci (1997), a adolescência é esse período onde abandona-se a infância e a juventude é inaugurada, dando os primeiros passos rumo a vida adulta. Essas fases são momentos de muitas mudanças, físicas e psicológicas, de assumir diferentes responsabilidades, fazer opções. Porém, não podemos cair no discurso da adolescência e juventude apenas como momentos de transição, ou preparação para o futuro. Esses sujeitos vivem muitas experiências, são atores sociais e protagonistas de seu tempo, na fase da vida em que estão.

Segundo o dicionário protagonista é “Personagem principal, em uma peça, filme, romance e até mesmo num acontecimento real” (MICHAELIS, 2002, p. 636). Transpondo essa concepção de protagonista para o universo desta discussão podemos entender os adolescentes e jovens como aqueles que são sujeitos principais de suas próprias histórias, ou almejam sê-lo.

Percebendo a atual configuração da sociedade brasileira é incoerente falar sobre juventude sem percebê-la como protagonista de muitos processos sociais, mas ainda limitada no protagonismo de sua própria vida. São poucos os espaços, instituições que possibilitam aos adolescentes e jovens o exercício pleno do protagonismo. Na família, são depositadas inúmeras expectativas e muitos são os desejos de cercear a liberdade para proteger os sujei-

4 É uma definição da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), intitulada em 30 de junho 2005 segundo a lei 11.129, que também criou o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem).

tos. Na escola, encontramos uma realidade de enquadramento numa determinada forma de ser, em muito, perdeu-se a capacidade de enxergar o ser humano por detrás da função social de aluno (DAYRELL, 2007). Ainda assim, esses possíveis cerceamentos não são determinantes quanto ao protagonismo, encontram-se brechas e possibilidades.

A ideia de protagonismo relaciona-se diretamente com as formas de atuação juvenil e intervenção na sociedade. Uma forma de incentivar e exercer o protagonismo é a ação voluntária, que condiz com essa temporalidade juvenil, pois “resgata o presente como momento fundamental capaz de articular projetos e utopias de novas relações” (SPOSITO, 2000, p. 87), sentimentos próprios dos adolescentes e jovens.

Em um tempo onde quase tudo é permitido, o acesso a informação é fácil e rápido, a tendência ao individualismo e ao consumismo são muito grandes, assim como multiplicam-se as possibilidades de atuação e manifestação de opiniões.

Nesse contexto, “a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para ‘ter’ e mais algo para ‘fazer’” (MELUCCI, 1997, p. 9). Os adolescentes e jovens não esperam que alguém lhes fale sobre como mudar, o que fazer, como será se eles agirem de forma diferente, eles mesmos busca fazer suas experiências.

Na busca por alternativas e mudanças, as ações voluntárias tem apresentado uma alternativa importante para os adolescentes e jovens, principalmente por representar a possibilidades de ir além da denúncia dos problemas sociais e do anúncio de outra realidade possível. Segundo Marília Sposito (2000) as ações de voluntariado privilegiam a dimensão da ação, trabalhando com a ideia de responsabilidade e solidariedade, fazendo do adolescente e jovem um ator diferenciado na sociedade.

Buscando aproximar as discussões teóricas sobre voluntariado e as práticas empreendidas, em especial na ação pesquisada, segue o que diz um dos documentos produzidos pela Direção Geral Obras de Dom Bosco (2008), sobre a dimensão voluntária na sociedade atual.

[...] difundiu-se entre os cidadãos uma consciência maior de participação ativa na vida social que é definida justamente como “voluntariado”. Nessa acepção, o termo “voluntariado” é um recipiente muito amplo e pouco definido que quer evidenciar a livre decisão de cidadão individualmente ou em grupos organizados, de serem protagonistas da vida social (Direção Geral Obras de Dom Bosco, 2008, p. 12).

Algumas características são comuns às práticas de voluntariado que visam à promoção do bem social e comum. Como já compreendemos da palavra “voluntário”, são ações que o próprio sujeito busca, não é uma obrigação. Outra característica importante é a origem desse desejo, surge de uma concepção de sociedade, de justiça social, buscando empreender

práticas de transformação das realidades não condizentes com o modelo que se acredita. Fazendo também com os sujeitos que se propõem a tal ação, tenham uma nova atitude diante da realidade, conforme apresenta o documento Direção Geral Obras de Dom Bosco, 2008.

Quando especificamos o público como sendo adolescente e jovem, podemos considerar também o voluntariado como uma prática de educação para a cidadania e um ensaio de engajamento sociopolítico (CNBB, 2007). Privilegiando a atenção para as realidades de maior vulnerabilidade social como focos de trabalho.

Três formas de voluntariado embasam a prática do projeto da AMJ (Animação Missionária Juvenil), objeto de estudo desta pesquisa. Essas formas de voluntariado são complementares. O primeiro descrito é o *voluntariado social*. Exercido por sujeitos sociais, que não necessariamente estão vinculados a algum tipo de organização, nem funcionam em uma lógica de lucro e de mercado. São ações empreendidas por diferentes sujeitos sociais, baseadas no princípio da gratuidade e no desejo de contribuir com a melhoria social.

Outro tipo de voluntariado, mais específico, acontece *na Igreja*, provido pela Igreja Católica, com um cunho de atendimento a situações de vulnerabilidade social e de evangelização. Valoriza a dimensão missionária da fé cristã, levando o adolescente e o jovem a um encontro pessoal com Deus através das realidades mais empobrecidas (CNBB, 2007). Por ter uma fundamentação bíblica, é um voluntariado que, em geral, é desenvolvido de maneira comunitária, é uma experiência vivenciada em grupo. Inspirada nas primeiras comunidades cristãs⁵ que cumpriam sua missão juntos, partilhando do alimento, da oração e da vida.

Por fim, dentro do voluntariado na Igreja, identificamos diferentes carismas e maneiras de entender o trabalho missionário. Interessa-me descrever brevemente o *voluntariado salesiano*. A Congregação Salesiana é missionária em sua origem, desde cedo Dom Bosco enviou missionários para terras distantes no intuito de criar obras que pudessem atender as juventudes mais empobrecidas (PAULA, 2008). A especificidade desse tipo de voluntariado é ter como voluntários e destinatários preferenciais os adolescentes e jovens. Acredita-se que “ao empenharem-se no voluntariado, os jovens procuram e podem encontrar um caminho que dê autenticidade à sua vida” (DIREÇÃO GERAL OBRAS DE DOM BOSCO, 2008, p. 17).

ANÁLISE DOS DADOS: O QUE OS SUJEITOS DIZEM

O presente trabalho dispõe-se a pensar sobre quais os significados que uma experiência de voluntariado, em que adolescentes e jovens são instigados a ser protagonistas, toma em suas vidas. No entanto, é difícil encontrar esse sentido que se traduz em sentimentos e experiências muito pessoais. Com o objetivo de rastrear alguns vestígios das experiências vivenciadas, foi aplicado o questionário anteriormente apresentado.

Apresento a seguir algumas respostas escritas pelos adolescentes e jovens, são intencionalmente escolhidas, pois representam aquilo que aparece com mais intensidade e fre-

⁵ Ver na Bíblia, Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos 42 - 47.

quência nas respostas obtidas. As respostas estarão identificadas pelo gênero (Feminino ou Masculino) do jovem que escreveu, a idade e o estado onde participou do projeto (Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Paraná).

A primeira pergunta do questionário, na qual investirei mais fortemente neste trabalho, era bastante direta e dizia respeito ao objeto de estudo dessa análise: “Qual o sentido que a participação na AMJ tem na sua vida?”. Enquanto outras questões não foram respondidas por alguns participantes, essa obteve cem por cento de respostas.

Olhando para as semelhanças das respostas, posso destacar como um dos principais eixos a dimensão do compromisso assumido. Essa experiência de voluntariado é vista como uma forma de responsabilidade, engajar-se e comprometer-se social e comunitariamente. Como podemos ver na fala a seguir.

O sentido que a participação na AMJ tem na minha vida é o crescimento, amadurecimento, responsabilidade. (Masculino, 18 anos, Paraná)

Outra dimensão que aparece na fala desse jovem é a questão do amadurecimento. Uma experiência de grupo, de protagonizar, não apenas uma experiência, mas suas próprias vidas, leva a um crescimento pessoal. Em geral, quando esses adolescentes e jovens são colocados em uma situação onde precisam assumir determinadas responsabilidades, conviver com diferentes pessoas e situações com as quais não estão habituados, eles precisam encontrar uma forma de lidar com essas situações, esse conflito inicial e posterior adaptação, gera um amadurecimento muito grande e um reconhecimento de seu papel no grupo, na sociedade. Como o mesmo jovem disse:

Olhando para tudo que vivi nesses dias da AMJ fico satisfeito. Eu, na minha opinião, fui protagonista. (Masculino, 18 anos, Paraná)

Arrisco dizer que é esse protagonismo consciente que os adolescentes e jovens exercem e o amadurecimento que essas situações geram é que os levam a sentirem-se responsáveis e comprometidos com a sua comunidade, escola, grupo, mas também com a sociedade como um todo. “É um protagonismo que já não se resume a partidos e sindicatos. A criatividade, aliada aos meios que os jovens dispõem, permite-lhes abrir novos caminhos para exercer o protagonismo na sociedade” (CNBB, 2012, p.16). E também cabe as instituições e a sociedade proporcionar esses novos espaços de protagonismo, alternativos aos que já existem e não apresentam respostas as necessidades de todos os adolescentes e jovens.

Ao tomar consciência de sua possibilidade de falar e ser ouvido, de agir e obter um bom resultado, os adolescentes e jovens passam a ansiar por mais, e sentem-se corresponsáveis na melhoria da sociedade conforme podemos identificar na fala a seguir:

...pude perceber que a juventude ainda importa para alguém e que em algum lugar ainda há quem queira ouvir o que temos a dizer. (Feminino, 17 anos, Rio Grande do Sul)

No excerto acima, podemos perceber que existe um sentimento presente nos adolescentes e jovens de não se perceberem como importantes para a sociedade. A menina diz que nesse espaço de ação voluntária percebeu que a juventude é importante para alguém, quando na verdade a juventude é importante para toda a sociedade. Como dito anteriormente, vivemos um bônus demográfico na faixa etária juvenil, sendo assim a grande força motriz de nosso país são os jovens.

Se nós, adultos, somos responsáveis pela educação dos adolescentes e jovens e o considerarmos como problemas sociais, é atestar nossa falha na sua educação e o possível fracasso social de nosso país. Por outro lado, se os educamos para ser protagonistas e sujeitos críticos e engajados nos problemas de seu tempo, temos grandes chances de melhorar significativamente nossa sociedade. Quando colocamos em prática uma educação para autonomia, as respostas são significativas.

A participação nessa ação é um jeito de mostrar que nós jovens acreditamos e temos a capacidade de formar um mundo melhor, de querer um mundo melhor. (Feminino, 17 anos, Santa Catarina)

Percebe-se na fala da jovem acima que a experiência vivenciada no voluntariado, faz com que os adolescentes e jovens passem a acreditar na possibilidade de mudanças, na sua capacidade de agir, se comprometem e passam a envolver seus pares. Há também nesse empenho um desejo de ser reconhecido socialmente como esse agente transformador.

Portanto, mais do que um sentido em si, a experiência de voluntariado e protagonismo aponta um caminho de projeto de vida. É no reconhecimento mais profundo de si e de suas potencialidades, que os adolescentes e jovens podem optar pelo engajamento em uma causa maior do que o seu pequeno mundo. Segundo Alberto Melucci (1997), os projetos de vida dos jovens já não se embasam em uma temporalidade linear, nem em experiências diárias e sequenciais, ao contrário, são fruto de opções individuais e experiências profundas que se fazem durante essa fase; tornando-os capazes de perceber mais do que um ponto, mas um contexto maior.

Dar sentido a nossa vida se comprometendo com a causa. E ver que por um sorriso no rosto de uma pessoa tudo já vale a pena. (Feminino, 16 anos, Santa Catarina)

No encontro com o outro, o adolescente e o jovem conseguem perceber a si mesmos. Ver o sorriso e a lágrima, o compromisso e a descrença, levam a repensar a sua própria realidade e ação diante do mundo. O mesmo se dá quando há o choque de realidades, o encontro com uma realidade muito diferente da que se vive, ou até parecida, mas um encontro com uma nova forma de olhar.

Vi como existe desigualdade social no RS e provavelmente no resto do país. Percebi o quanto as pessoas têm carências, de uma casa, uma boa cama para dormir, de um ombro amigo, de alguém que se importe. (Masculino, 15 anos, Rio Grande do Sul)

Possivelmente, esses adolescentes e jovens já haviam se deparado, antes, com as mesmas situações de carência que encontraram na experiência de voluntariado. Porém, foi apenas no momento em que estavam sensibilizados e preocupados com o outro, que eles se deixaram tocar por essas realidades. Fazer uma opção e estar disponível para vivê-la é condição fundamental para que a experiência tome sentido em nossas vidas.

Tem uma importância muito grande, pois mudou meu jeito de agir e de pensar em relação aos outros e sobre meus atos diante das dificuldades. (Masculino, 16 anos, Paraná)

O encontro leva a uma reflexão, a reflexão a uma ação, a ação refletida novamente leva ao crescimento pessoal e a mudança de atitude. O processo é pensado para acontecer não apenas naquele momento pontual da vida dos adolescentes e jovens, mas é fruto de uma vivência anterior e tem como consequência novas atitudes diante da vida e da sociedade.

A experiência da AMJ, diferente de outras formas de voluntariado, surge de uma vivência de grupo de jovens, pois um dos critérios para inscrever-se no projeto era a participação em grupos de jovens. E como consequência do processo vivenciado, a proposta é que os adolescentes e jovens comprometam-se a dar continuidade, participando e promovendo localmente novas ações voluntárias.

Durante a semana da ação, trabalha-se de forma colaborativa, criando pequenos grupos de trabalho, e conscientizando-os de que é um único grupo de missionários, de que em grupo somos capazes de fazer coisas que sozinhos jamais imaginávamos. Esse também acabou sendo um assunto citado nas escritas, referido como parte da construção de sentido para a experiência. Ele já não vive sozinho, mas partilha do desejo de transformar com outros coetâneos.

O se tornar um grupo, com pessoas diferentes convivendo uma semana juntos provoca uma reflexão sobre coisas que devem ser mudadas consigo mesmo, em casa, com o grupo de jovens. (Feminino, 17 anos, Santa Catarina)

O voluntariado proposto pela AMJ é um voluntariado católico, ligado a uma experiência de Igreja. Portanto, não é qualquer tipo de vivência de grupo que se formou, a experiência proposta é de um grupo como comunidade, que coloca a vida em comum. Os adolescentes e jovens passaram a morar juntos naquela semana, partilhar de todos os momentos, das refeições, dos estudos, dos trabalhos, das orações. Apesar de muitas críticas que podem ser feitas a esse modelo de voluntariado com cunho religioso, em uma dimensão de profetismo⁶.

6 Compreendendo profeta como aquele que denuncia os problemas sociais e que não são coerentes com a proposta do Reino, e também anuncia novas formas de fazer, para construir uma sociedade mais justa, à luz do Evangelho.

ainda assim é um espaço de formação pessoal que proporciona uma experiência diferente e que se encontra pouco na sociedade atual.

Segundo Regina Novaes (2005, p. 289), “[...] as instituições religiosas continuam produzindo espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição do cenário da sociedade civil”.

A AMJ além de ser e proporcionar uma experiência significativa de encontro com Cristo, é doar-se ao outro, é uma troca de aprendizado/experiências tanto com os outros missionários quanto com a comunidade visitada. (Feminino, 16 anos, Santa Catarina)

Pelas respostas encontradas nos questionários, é possível perceber que apesar de ir na contramão do que está posto socialmente, a vivência religiosa proposta nesse projeto de voluntariado é muito bem aceita pelos adolescentes e jovens. Eles buscam uma vivência do transcendente, porém que lhes dê respostas em suas vidas. Como apresentado no excerto acima, da jovem catarinense, no voluntariado o encontro com o transcendente se dá por meio da realidade, da experiência individual, mas principalmente coletiva de doar-se, gastar o tempo com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao final de um trajeto, não significa que a estrada acabou, nem que não existem outras possibilidades de traçar esse caminho. As considerações aqui apontadas são apenas aquelas que pude perceber ao longo do trajeto que fiz, pela estrada que escolhi. Essa pesquisa me possibilitou refletir sobre as ações práticas que vivi na minha formação como adolescente e jovem, e que hoje ajudo a pensar para outros adolescentes e jovens. Ressignificar ideias, perceber as limitações e as possibilidades de avanço de outras, ouvir aqueles que vivenciam a experiência.

E resposta para a pergunta de pesquisa: Qual sentido é atribuído pelos adolescentes às ações que os tornam protagonistas de um projeto e de suas próprias vidas? Estou convencida de não haver uma única resposta. Cada experiência de voluntariado e de protagonismo proporcionará um sentido, cada adolescente e jovem perceberá e vivenciará de uma forma diferente. Posso, simplesmente, apontar algumas linhas que são chave nessa construção de sentidos, independente do sujeito ou da experiência, são conclusões quase unânimes na pesquisa e no levantamento bibliográfico realizado.

Primeiramente a dimensão do protagonismo em si, a experiência de ser protagonista e de se reconhecer como protagonista. Esse reconhecimento já é um sentido muito forte para a participação desses adolescentes e jovens, pois sentem-se capazes de agir socialmente e de ter efetividade na sua ação. Dessa primeira questão, decorre outra, o amadurecimento e a responsabilidade. Ao perceberem que são atores sociais, esses adolescentes e jovens reconhecem que são corresponsáveis pela melhoria da sociedade. Surge uma preocupação com a questão social, a vivência comunitária e vida das pessoas.

Sigo o caminho com mais apropriação dos conceitos, das teorias sobre o protagonismo juvenil, o voluntariado, as juventudes. Mas, sobretudo, minha bagagem está carregada de novas inquietações, de outras perguntas que certamente suscitarão mais e mais questões. Talvez nisso consista o verdadeiro aprendizado, ser capaz de questionar(-se).

REFERÊNCIAS

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Revista Movimento**. Niterói, UFF, n.1, maio 2000.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais** (documento 85). 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2007.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n.100, out. 2007.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Juventude e contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 5 e 6, 1997.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M. (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

PAULA, Antonio Pacheco. **Salesianidade**. Brasília: Cisbrasil – CIB, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, jan. a abr. 2000.

IDENTIDADE JUVENIL E A MÚSICA COMO UMA TRAJETÓRIA PARA A SOCIABILIDADE

Renata Cristina Matias

Doutoranda em Ciências Sociais na Pontifical Universidade Católica de São Paulo – PUC

matias_renata@hotmail.com

A relevância do debate sobre os movimentos juvenis e as tribos urbanas e seu impacto na cultura das grandes cidades é inegável. Afinal, devemos considerar que modelos identitários que por muito tempo se perpetuaram no mundo social estão em declínio. Novas identidades surgem a cada dia, fazendo com que o sujeito, agora fragmentado, busque se sentir pertencente, parte de uma comunidade e reconhecido.

As mudanças da sociedade são constantes e cada vez mais rápidas e complexas. A dinamização das relações sociais aumentou com o fenômeno, caracterizado por Bauman (2005) como o da *pós-modernidade líquida*, que transformou o desejo, que perpetuava na modernidade, do sujeito de viver individualmente no desejo e na necessidade de viver em comunidade para alimentar o sentimento de pertença (MAFFESOLI, 2010).

A dimensão simbólica, como principal e mais viável forma de comunicação, é identificada no comportamento e atitudes dos jovens que se posicionam diante de seu próprio grupo e da sociedade. A música, como outras formas de expressão, como exemplo a dança e o vestuário, tem sido uma grande mediadora entre os jovens que se agregam para produzirem um som, dançar e conversar, apresentar-se perante o mundo, disseminar suas ideologias e sua realidade vivida no cotidiano.

A música fornece a seus intérpretes a possibilidade de subjetividade da mensagem, um sentimento que passa a ser coletivo na medida em que a interpretação individual de quem canta as composições passa a comunicar os sentimentos e as ideias do grupo. O mundo da cultura se constitui como um espaço de práticas, representações, símbolos e rituais onde os jovens buscam identificar-se.

Em um território construído por eles dentro das metrópoles e longe do olhar de seus pais, educadores e chefes, os jovens assumem o papel de protagonistas, construindo o olhar sobre si mesmo e o mundo no qual estão inseridos, atuando sobre o seu meio.

Esse processo pode ser observado em muitos movimentos juvenis, independente de suas diferenças sociais, faixas etárias, níveis de formação escolar e da região onde moram; tanto nos bairros da periferia como nos centros físico e econômico da cidade podemos constatar a atuação dos jovens em bandas musicais, unidos cada um à sua tribo. E é por meio dessas manifestações musicais que nos aproximaremos da tribo urbana conhecida como Carecas do Brasil.

Ao reconstruirmos a história do movimento Carecas do Brasil, identificamos que sua origem relaciona-o ao grupo conhecido na Grã-Bretanha na década de 1960 como Skinheads, e que ganhou maior força e adeptos em 1969. Na Europa, o grupo surgiu como uma evolução do movimento anterior, também inglês, os Mods, abreviação que significa Modernists.

Em tese, eram jovens operários que trabalhavam dia e noite sem parar e encontravam nos fins de semana a única saída para se divertir. Juntavam-se com outros da mesma classe pelos mesmos objetivos: curtidão, cerveja, futebol e música. Colocavam suas melhores roupas, que mais tarde tornou-se um estilo próprio. Eram um grupo que, no início dos anos 1960, causou muita polêmica com suas lambretas, músicas negras norte-americanas (Soul e R&B - Rhythm and Blues) e jamaicanas (SKA) (COSTA, 1993).

Após o surgimento do movimento na Inglaterra, os Skinheads espalharam-se pelo mundo, em paralelo ao movimento Punk surgido nos Estados Unidos na década de 1970. Ambos os movimentos começaram a ganhar cada vez mais adeptos e a chamar a atenção da mídia, que publicava inúmeras reportagens sobre as tribos, suas origens, ideologias, características e ações sociais. As matérias divulgadas pela imprensa mostravam como essas tribos em ascensão se articulavam em diversos países e arrebataavam cada vez mais adeptos. Em algumas partes do mundo, a tribo Skinhead apresentava algumas diferenças na ideologia; em outras, eram a consagração do que eles costumavam chamar de espírito de 1969, ou seja, o retorno às raízes britânicas dos Skinheads.

A chegada do movimento Skinhead no Brasil, especificamente em São Paulo, foi uma jornada longa e tortuosa e passou pelo movimento Punk antes de ganhar tantos jovens adeptos à tribo. A massificação dos Punks deu-se pela difusão da imprensa que produzia reportagens sobre o movimento, à força que ganhava em outros países e à ideologia que pregavam.

Os Punks e os Carecas do Subúrbio se afastavam cada vez mais em suas ideologias e na construção do movimento Carecas, estes afirmavam serem os verdadeiros propagadores da essência do movimento Punk no país e, aos poucos, passaram a se identificar com os Skinheads ingleses, por serem adeptos à radicalização contra o sistema e contra a anarquia. Eles também se identificavam com a origem operária do movimento na Inglaterra (já que provinham, também, do proletariado), o nacionalismo e a defesa da classe menos favorecida socialmente.

Este estudo de caso tem por objetivo traçar a relação entre a música produzida pelo grupo dos Carecas do Brasil e sua função socializadora. Para isso, traçamos o perfil do grupo e o primeiro aspecto a ser apresentado é que a juventude atualmente apresenta diferentes aspectos. Os jovens vivenciam um novo período na história, o liquefeito da contemporaneidade que, segundo Bauman (2005), constrói o traço mais explícito da singularidade dessa era: a grande fluidez que faz com que o indivíduo experimente uma nova temporalidade, uma nova concepção de tempo e espaço, dificultando e intangibilizando relações sociais e projetos de vida. O sujeito é responsável por suas escolhas ou trajetórias, logo, pelas suas consequências. Como contraponto a esta situação, buscam unir-se a outros jovens para compartilhar ideias, sentimentos, crenças, realizando o desejo de pertencer a um grupo.

Segundo Canevacci (2005), o conceito de juventude também sofreu transformações: se antes considerávamos que as tribos urbanas eram um privilégio da juventude como um fenômeno de indivíduos que iniciavam sua vida e buscavam o pertencimento, hoje podemos constatar que o conceito de juventude foi expandido, atingindo idades mais avançadas e criando, assim, os adultos que também se apresentam vinculados a grupos.

A partir de uma pesquisa de campo foram realizadas 22 (vinte e duas) entrevistas com pessoas integrantes do movimento Carecas do Brasil, dentre eles 68% enquadram-se na faixa etária de adultos e 32% são jovens. Para delimitarmos o enquadramento da idade de nossos entrevistados, utilizamo-nos da LEI Federal nº 8069/1990 e do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que determina que considera-se criança a pessoa com até 12 (doze) anos incompletos (11 anos, 11 meses e 29 dias), adolescentes aquela com idade entre 12 e 18 anos incompletos, jovem aquela com idade acima de 18 anos e até 24 anos. Entretanto, pelo Código Civil atual, a partir de 18 anos (maioridade) e/ou 21 anos (emancipação), o trato jurídico já é o mesmo dos adultos (então, entre 18 e 24 anos temos “adultos jovens”: considerados jovens para as políticas públicas e adultos para a aplicação das leis).

Para entender esse fenômeno, que cada vez mais é crescente, e compreender porque encontramos um grande número de adultos em tribos antes consideradas apenas juvenis, o autor Cavenacci (2005) afirma que o “ser jovem” é cada vez mais estendido pelos adultos da pós-modernidade que não querem assumir responsabilidades, ou seja, não querem assumir o papel de adultos e com isso uma gama de atitudes que estão ligadas a esse período da vida, como casar e ter filhos. Por esse fator, encontramos pessoas que na classificação legal são consideradas adultas, mas que se posicionam nesse período da vida sem esboçar o desejo de saírem da fase juvenil e adquirirem responsabilidades.

Segundo o autor, a explicação muitas vezes dada para o fenômeno de “abolir a velhice e de prolongar a vida indefinidamente”, a perda do interesse pelo futuro e o insustentável pensamento da morte não deve ser considerada sem uma análise crítica a seu caráter fundamentalista. A incapacidade de experimentar algum interesse por aquilo que acontecerá após sua morte como forma de explicar o desejo dos homens de permanecerem eternamente jovens e, pela mesma razão, de não mais reproduzir-se é assim completada pelo autor:

O autor afirma que a considerada juventude e os adultos jovens não acreditam e não constroem um futuro, pois preferem plantar suas raízes no presente, sem ter a preocupação de se tornarem adultos e adquirirem responsabilidades. É preferível viver o tempo presente como forma de libertação, abolindo a velhice e tentando prolongar a juventude.

Constatamos, em parte, as hipóteses de Canevacci (2005) na tribo urbana Carecas, pois caracterizada como movimento juvenil, dentre os entrevistados encontramos o índice de 68% de adultos, além de apenas 27% afirmam ter filhos e 82% serem solteiros. Isso confirma a teoria apresentada do prolongamento da juventude nesses grupos sociais, mas o viver o hoje como forma de libertação aqui e agora longe das utopias, deve ser contextualizado quando aplicado à tribo dos Carecas do Brasil.

Para isso, também buscamos localizar a tribo e constatamos em nossa pesquisa que os integrantes do grupo têm seu território nas periferias da cidade de São Paulo, a maior parte na Zona Leste, onde surgiu o movimento Careca do Brasil e que, atualmente, é a região que sedia as reuniões do grupo e os eventos, como os chamados “sons”, encontros de bandas e integrantes em determinado lugar para confraternizarem entre si. Dentre os entrevistados, 55% residem na região Leste, e os demais, nas periferias das regiões Oeste, Norte e Sul.

O perfil dos jovens que se tornavam adeptos a esse grupo era de trabalhadores do proletariado que residiam nas periferias da cidade de São Paulo no início da década de 1983, ganhavam pouco e viviam com dificuldades. Segundo Costa (1993), a emergência do movimento deu-se em um período marcante para a história do século XX, segundo o ponto de vista dos acontecimentos políticos e sociais: é considerada como o fim da idade industrial e o início da idade da informação. Em tese, a América Latina nesse período sofreu uma forte retração da produção industrial e um menor crescimento da economia como um todo. Na maioria dos países, essa década foi sinônimo de crises econômicas, volatilidade de mercados, problemas de solvência externa e baixo crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), e, no caso do Brasil, houve até queda. Essa década para o Brasil foi um momento de final do ciclo de expansão vivido nos anos 1970. O país apresentava características como: o desemprego, estagnação da economia e índices de inflação extremamente elevados, perda de poder de consumo da população e o aumento da dívida externa, fazendo com que aumentasse o déficit fiscal. (BAER, Werner, 2002, p. 124).

Alguns jovens das periferias, como uma maneira de se posicionar contra os problemas do país e a ideologia dominante, adotaram o movimento Carecas do Brasil e as características que o movimento surgido na Grã-Bretanha apresentava. (COSTA, 1993) O que na Europa era conhecido como Skinheads, no Brasil ganhou uma nova nomenclatura, mas continuavam sendo jovens, como na Europa, e faziam parte do proletário e da classe pobre do país.

Assim, é significativo que os “carecas” brasileiros também tenham surgido em uma conjuntura caracterizada por transformações de ordem política e de crise econômica. Do mesmo modo que seus “irmãos” ingleses, os “carecas” brasileiros provinham de camadas sociais que se viam em uma posição de fragilidade frente à crise econômica e ao processo de lumpenização (COSTA, 1993, p. 72)

Atualmente, com a mudança no mundo do trabalho – substituição do trabalho humano pelo uso da tecnologia - que ocorreu em todo o mundo, no Brasil, os Carecas não são mais encontrados em fábricas, mas em outros tipos de trabalhos. Entretanto, ainda ocupam trabalhos com baixa remuneração e encontram-se nas baixas faixas sociais do país. Com isto, pudemos identificar que os integrantes desse movimento estão localizados entre as classes D, com 23% dos entrevistados, e a classe E com 77%. Comprovando que, mesmo não relacionados diretamente às atividades industriais, os Carecas ainda ocupam as periferias e salários de valor baixo.

Como trata Gonçalves (2010), percebemos na história do capitalismo e em sua dinâmica estrutural que as classes sociais se localizam na contradição fundamental que movimenta a sociedade e que permite a acumulação de capital; tem como resultado dessa dinâmica o Estado com o papel de organizador social e político e de manutenção ideológica do sistema capitalista. Gonçalves (2010) também afirma que os preceitos básicos que predominam nesse processo são os do liberalismo, seja na definição do mercado, seja na definição de lugar dos indivíduos e das instituições, dentre elas, o Estado.

Em tese, o capitalismo tenta a realização da máxima liberdade, ou seja, livre concorrência, livre consumo, livre venda de força de trabalho. Mas, essa liberdade também apresentou suas limitações; assim, a ideologia liberal teve que regular seus propósitos na tentativa de sanar as inconsistências e estabelecer a organização da sociedade por meio de leis de mercado.

Os limites dessa teoria é o fato de que os interesses do capital resultaram em uma organização crescente de monopólios, minando cada vez mais a possibilidade da existência da “*livre concorrência*”. Além disso, tal teoria supunha uma separação entre produção e consumo, não sendo consideradas questões importantes relativas ao controle de força de trabalho e, também, não abordando o problema da distribuição de renda. Com isto, começou-se a discutir a relação do trabalho e das condições oferecidas a esses indivíduos, impostas pelos donos de produção que oferecem empregos sem as condições adequadas.

Desde seu surgimento, há a preocupação dos Carecas do Brasil em denominar-se classe trabalhadora e seu empenho em manter o seu ideal de dignidade (COSTA, 1993), diferenciando-se dos chamados bandidos e marginais. Isto explicita a relação dos Carecas com o Capitalismo indicando que os integrantes da tribo Carecas do Brasil enquadram-se no perfil dos sujeitos que se encontram nas periferias e manifestam a necessidade de um país mais justo (COSTA, 1993, p.128). Desse ponto, eles justificam suas ações e se posicionam, emblematicamente, em campo de atrito social como uma forma de protesto a questões da sociedade em que vivem: uma das formas de manifestação é a música para propagar seus ideais, como na música Soldados do Subúrbio, da banda Bota Gasta: “Soldados do Subúrbio, nunca parem de lutar. Movimentem suas botas, para o Brasil melhorar”.

Para entender os novos tipos de relações juvenis construídas nos dias de hoje é fundamental ressaltar o papel da música como um documento histórico rico para análise sobre paradigmas, dentre outros aspectos, que dizem respeito às características das tribos urbanas e suas representações na sociedade. Segundo Pais:

(...) ao questionarmos o mapeamento territorial das bandas musicais de jovens que se concentram nas malhas suburbanas das grandes metrópoles, as bandas socialmente mais à <banda> (as mais <tribais>) são as que mais correspondem a formas de integração social mais compensatória numa urbanidade deficitária de coesão social.(PAIS, Org: BLASS, Org, 2004, p. 23).

A cidade é o cenário onde estes jovens encontram-se e expõem sua ideologia, produção artística e estética. Além disso, não podemos encará-la mais como simplesmente um conjunto de bairros espalhados em determinada região, pois sua infraestrutura sofreu grandes alterações em reflexo da redução das distâncias que a globalização ocasionou (HALL, 2006).

Ao longo do tempo, as cidades passaram por transformações e acontecimentos históricos que modificaram sua estrutura e a disposição da população em seus territórios. A riqueza não é distribuída homoganeamente. Ao abrirem suas janelas, as pessoas se deparam com favelas que fazem vizinhança a mansões, deixando explícita a grande desigualdade (TELLES, CABANES) .

Além disso, são encontradas sobras no mercado de trabalho, pois o sujeito, substituído por máquinas, muitas vezes não possui formação adequada para pleitear uma nova vaga de emprego. Também mudaram as estratégias e propostas para a resolução de problemas que compõem as tramas da cidade, pois o que era apenas uma questão de trazer uma solução tangível para tal problema, se tornaram questões muito complexas. Nos dias de hoje, as modificações ocorrem tão rapidamente que não se consegue mais acompanhá-las a tempo de criar uma proposta que será aplicada para conseguir resultados.

Por exemplo, problemas como a falta de emprego, que assombra há muito tempo o nosso país, recebeu como solução, para famílias mais carentes, o pagamento mensal da Bolsa Família que serve para amenizar suas necessidades. Infelizmente, o custo de vida está cada vez mais alto e o dinheiro recebido não cobre as suas despesas mensais.

Para os sujeitos que vivenciam problemas com renda, um cenário muito comum em seu dia a dia é a precariedade na habitação. A desigualdade de moradia evidente em vários pontos da cidade, como nas periferias e favelas, encontram na construção de casas populares uma solução administrada pelo poder público para amenizar o problema e oferecer para essas famílias uma moradia adequada.

Diversos sujeitos que se deparam com esses problemas têm a sua sobrevivência dificultada pela falta de acesso a melhores trabalhos, e conseqüentemente, a salários maiores. São indivíduos que, por não receberem uma educação pública adequada, não são capacitados para conseguirem melhores oportunidades de trabalho. Com pouco dinheiro, acabam se fixando nas periferias para ter um custo de vida menor.

Pensando na cidade de São Paulo, que tem sua história caracterizada pela chegada de migrantes que se instalaram em diferentes regiões, trazendo consigo sua cultura, identidade, ideologia e as mais diversas vivências, vemos uma cidade complexa, formada por culturas de diferentes origens, que se somam a novas que continuam chegando.

Neste contexto, o agrupamento juvenil em tribos é um aspecto precioso para entender seu funcionamento no meio dessa trama que constitui São Paulo. As diferenças sociais é o cenário onde as tribos nos convidam a uma análise de sua potencial dimensão subversiva. Atrelado ao sentimento de renovação e de rebeldia perante os valores burgueses de produção contínua (MAFFESOLI, 2010), a cultura juvenil se desenvolveu aceleradamente nas cidades por meio das músicas de diversos grupos e bandas, que serviram de porta-voz das tribos urbanas que representavam. A estética musical propaga a expressão ideológica dessas tribos juvenis.

Entretanto, diante das intermediações promovidas pelos meios de comunicação, esse fenômeno pode se tornar mais complexo, pois os jovens são consumidores de produtos simbólicos e materiais voltados à tribo à qual pertencem, isto é, a cultura de determinado grupo vira produto para ser vendido aos pertencentes dessas tribos. Além da existência dos meios de comunicação de massa, existem mídias especializadas, como fanzines, revistas, panfletos e a internet. A produção e circulação desses veículos se segmentam de acordo com as preferências de cada tribo e a música, importante na divulgação de seus ideais, com as facilidades

tecnológicas atuais, amplia seu papel representativo porque, além da repercussão local, o fácil acesso contribui para tornar-se hoje um importante combustível na estruturação de grupos urbanos.

Como afirma Pais, as tribos urbanas geram o sentimento de pertença e seus marcos conviviais são sinônimo de afirmação identitária. Por isso, nesses grupos, encontramos manifestações de resistência à adversidade, mas, ao mesmo tempo, vínculo de integração social e sociabilidade. E quanto maior é a resistência à adversidade que uma tribo possui, mais prováveis são as verbalizações que se referem ao tribal como forma de característica identitária. Ou seja, se for realizado o mapeamento territorial das bandas juvenis musicais que se concentram nos subúrbios de grandes metrópoles, as bandas consideradas as mais tribais são as que mais contribuem e correspondem a formas compensatórias de integração social (PAIS, Org: Blass, Org. 2004. p. 23).

Conhecendo o perfil dos jovens dessa nova era, ao contrário da imagem socialmente criada a respeito de jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se colocam como produtores culturais. A música é o produto cultural mais consumido e em torno dela criam-se grupos musicais de diversos estilos, dentre eles, bandas alternativas como as do movimento Carecas do Brasil. Nesses grupos, os jovens estabelecem trocas, experimentam, se divertem, produzem, vivem um estilo próprio de vida.

A juventude se constitui e se constrói como sujeitos sociais que transitam em um espaço e tempo complexo, estabelecendo múltiplas relações a partir do meio social onde vivem. Por meio de suas experiências vividas, vêm apropriando-se do social, relembrando práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma interpretação de seus interesses e necessidades, dando sentido ao seu mundo em um processo que não foi e nem é linear. Não é um grupo homogêneo e pensar a juventude brasileira é levar em conta as enormes disparidades socioculturais existentes e os diferentes contextos onde esses jovens vêm se construir como sujeitos.

A situação da parcela de jovens da periferia parece se agravar pelo encolhimento do Estado na esfera pública que não oferece soluções públicas que atendam essa parcela da população, como constata em sua pesquisa Dayrell (2001) que estudou as tribos: rappers e funkeiros. Ele identificou a necessidade de políticas de inclusão que atendam esses jovens que se encontram na periferia e sofrem com a desigualdade social.

No entanto, esses jovens inseridos, mesmo que de forma restrita e desigual, nos mesmos circuitos de informações propagadas pelos meios de comunicação, têm acesso aos apelos culturais de consumo, estimulando nesses grupos sonhos e fantasias. Este cenário de consumidores culturais estimula a compra de CD's, roupas, acessórios, fazendo com que os símbolos e significados das tribos urbanas virem produtos de mercado, também estimulando a sua propagação entre os jovens. MARTINS (1997) afirma que a desigualdade pode separar a sociedade no quesito material, mas por outro lado, une por sua ideologia. Assim, cria uma dupla sociedade, dois mundos onde podem ser encontradas as mesmas coisas e imagens, mas onde as oportunidades são completamente desiguais. Nesse âmbito, a música toma caráter

essencial para que os jovens saiem o seu sentimento de pertença (Pais, Org: Blass, Org. 2004), e encontrem por meio dela uma forma de se unificarem, exporem suas ideologias e se posicionarem em campo de atrito social.

Dayrell (2001) afirma que diante da negação social desses jovens das periferias, eles se utilizam da música para ter voz ativa. Sua música é propagada apenas entre seu próprio grupo, pois apesar de serem motivados pela mesma, não existem estímulos ou espaços para divulgá-la, porque não existe uma política de cultura que os contemple. Nesse contexto, o estilo, para o grupo, adquire uma relevância própria, pois na música encontram espaço para construir o seu modelo de ser jovem que é vivido no presente, no “aqui e agora”, e buscam a diversão e o prazer nas condições que lhes são apresentadas. É uma maneira de dividir, por meio da música, suas angústias e incertezas diante da luta pela sobrevivência que se resolve diariamente, além de seus sonhos, crenças e esperanças. Um exemplo desta postura pode ser visto no trecho da letra da música Dias Difíceis, da banda Bandeira de Combate:

Os nossos dias estão difíceis
Nossas vidas estão ruins
Mais seguiremos sempre adiante
Não podemos desistir
Devemos ser valentes
Jovens fortes com ideais
E a certeza de que estamos vencendo
É algo que nos satisfaz

(Música Dias Difíceis, da Banda Bandeira de Combate)

Pudemos constatar que a tribo urbana Carecas do Brasil encontra-se enraizada nas periferias e que seus integrantes mostram-se orgulhosos de serem uma classe trabalhadora, e que, por meio da música expõem suas opiniões e sua esperança de conquistarem um Brasil mais justo que atenda as classes mais baixas da população, assumindo a superação dos problemas diários como uma batalha a ser vencida:

Soldado erga a bandeira, para defender suas fronteiras
É sua maior razão, Ordem e Progresso, é o lema da nação
Combata com coragem, não tenha medo de morrer
Porque um país melhor, para todos tem que nascer.

(Música Soldados do Subúrbio, da Banda Bota Gasta)

Neste cenário, a música como atividade muito presente no grupo, transforma os ouvintes em produtores, constituindo grupos musicais das mais diversas tendências, compondo suas próprias letras, apresentando-se em eventos e festas, e assim criando uma nova maneira de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual. A música identifica, dá uma identidade aos indivíduos e opera a socialização do grupo. Ela se torna, mais que uma forma de diver-

são, um canal de comunicação do grupo com a sociedade, de ideias e sentimentos, desejos e necessidades, cuja compreensão da mensagem pode dar elementos para o verdadeiro diálogo desses jovens com a sociedade.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi** / Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- COSTA, Marcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um Nomadismo Moderno**. 1 ed. – São Paulo: Musa, 1993.
- GONÇALVES, Maria da Graça. M. **Psicologia, Subjetividade e Políticas Públicas**. Coord. Ana Mendes. São Paulo: Cortez, 2010. Coleção: Construindo o compromisso social da psicologia.
- DAYRELL, Juarez. **A Música entra em cena: O Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Dissertação (Doutorado em Educação) USP. São Paulo, 2001.
- HALL, Stuartt. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo na sociedade de massa**. Tradução Maria de Lourdes Menezes, Débora de Castro Barros. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.) **Tribos Urbanas: Produção Artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004.
- TELLES, Vera da Silva, CABANES, Robert. **Nas Tramas da Cidade: Trajetórias Urbanas e seus Territórios**. São Paulo: Ed. 1, Humanistas, 2006.